

livro da família

A importância da família na formação do leitor

edição #1



Olá,

Este **Livro da Família** faz parte do projeto **Cultivando Leitores**, que tem como missão orientar pais e responsáveis a incentivarem a leitura no ambiente familiar. Além de indicar livros relacionados aos conteúdos didáticos, o projeto oferece outros materiais, entre eles um cartaz interativo com propostas de atividades que promovem a integração do aluno com a família.

Segundo o crítico literário Antonio Candido, a literatura desenvolve em nós a cota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante. Por isso, é muito importante que a leitura esteja presente na vida da criança e do jovem, pois, quando inseridos no mundo da leitura desde pequenos, eles desenvolvem opinião crítica e raciocínio intelectual; são incentivados à prática da empatia, da identificação com o outro; e, sobretudo, expandem seus horizontes.

Pensando nisso, os artigos, depoimentos, matérias e entrevistas aqui presentes foram feitos com e por quem se inspira diariamente na força da escrita e da leitura. Você encontrará palavras de incentivo, informações técnicas e dicas inspiradoras, além de depoimentos de quem teve a vida modificada por um livro. Tudo cuidadosamente pensado para ajudar a família a criar o hábito da leitura em seus filhos.

Bom percurso!





Todos os direitos de edição reservados à
EDITORA FTD S.A.
Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 — Bela Vista — São Paulo — SP
CEP 01326-010 — Tel. (0-XX-11) 3598-6000
Caixa Postal 65149 — CEP da Caixa Postal 01390-970
Internet: www.ftd.com.br
E-mail: projetos@ftd.com.br

O projeto **Cultivando Leitores** é uma iniciativa da FTD Educação e visa contribuir para a formação de leitores em nosso país.

Idealização e desenvolvimento

DIRETORA EDITORIAL Ceciliany Alves

DIRETOR COMERCIAL E DE MARKETING Ricardo Tavares

GERENTE EDITORIAL Isabel Lopes Coelho

GERENTE DE MARKETING Gisele Cruz

EDITOR Estevão Azevedo

EDITORA ASSISTENTE Camila Saraiva

COLABORAÇÃO NA ELABORAÇÃO DE TEXTOS Estúdio Voador

COORDENADORA DE PRODUÇÃO EDITORIAL Letícia Mendes de Souza

PREPARADORA Aline Araújo

REVISORA Fernanda Simões Lopes

EDITOR DE ARTE Daniel Justi

PROJETO GRÁFICO E CAPA Karina Mayumi Aoki

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Heidy Clemente

SUPERVISORA DE ICONOGRAFIA Elaine Bueno

PESQUISADORAS ICONOGRÁFICAS Erika Nascimento e Maria Neuza Ferreira

TRATAMENTO DE IMAGENS Ana Isabela Pithan Maraschin

DIRETOR DE OPERAÇÕES E PRODUÇÃO GRÁFICA Reginaldo Soares Damasceno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cultivando leitores: livro da família: a importância da família na formação do leitor / Equipe FTD Educação. – 1. ed. – São Paulo: FTD, 2018.

ISBN 978-85-96-01671-1

1. Educação - Brasil 2. Literatura 3. Leitores 4. Leitores - Formação
5. Leitura 6. Mediação 7. Vida familiar - Educação

18-17028

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

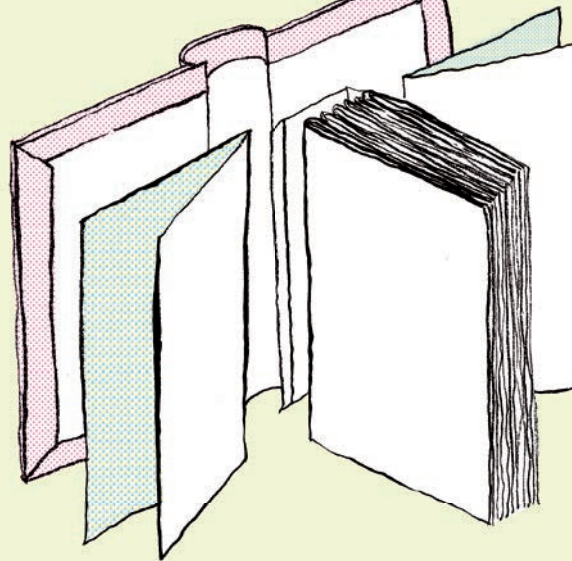
1. Livro da família: Formação de leitores:
Educação 370

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

CRÉDITOS DAS IMAGENS

IMAGEM DA CAPA, Syda Productions/Shutterstock.com; **CAPAS DOS LIVROS**: p. 24, 48, 49, Editora FTD. **ILUSTRAÇÕES**: p. 3, 9, dawool/Shutterstock.com; p. 3, 4, 5, 7, Popmarleo/Shutterstock.com; p. 6, wowomnom/Shutterstock.com; p. 8, VeZ/Shutterstock.com; p. 10, 11, Lorelyn Medina/Shutterstock.com; p. 17, 19, ilustrações de Mauricio Negro para o livro *Uala, o amor*; p. 18, ilustrações para o livro *Conchas e búzios*; p. 27, 31, ilustração de Eva Furnari, do livro *Macaquinho*; p. 28, 30, ilustração de Peter Carnavas, do livro *A caixa de Jéssica*; p. 32, 33, 34, 35, 36, ilustração de Cecília Esteves, do livro *Mamãe tá careca*. **FOTOS**: p. 16, Mauricio Negro (Acervo pessoal); p. 20, Flavio de Souza (Acervo pessoal); p. 22, Alvaro Machado (Acervo de família); p. 25, Ana Maria Machado (Acervo de família); p. 28, 29, Crianças no projeto Pequenos Leitores (Juvenal Pereira); p. 38, Maria Valéria Rezende (Acervo pessoal); p. 41, Luana Chnaiderman (Acervo pessoal); p. 46, Breno Fernandes maior (Leonardo Pastor), Breno Fernandes menor (Acervo pessoal); p. 47, Elias José (Érico Elias).

SUMÁRIO



Para sermos leitores 4

Qual o desafio de nos tornarmos um país de leitores? Confira aqui uma série de inspirações para transformar essa história.

Para formar um leitor, leia com afeto 12

As fases de desenvolvimento da criança dão pistas para que o percurso seja construído com prazer, envolvendo pais e filhos.

“Os outros que moram em nós”, segundo Mauricio Negro 16

Uma conversa com o escritor e ilustrador Mauricio Negro sobre a identificação e a representação da criança nas ilustrações.

Criação, (muita) diversão e arte 20

O humor como companheiro fiel no trabalho do ator e dramaturgo de múltiplas habilidades Flavio de Souza.

Paixão e flexibilidade: os desafios de um adaptador de histórias 22

Rodrigo Machado, tradutor e adaptador de clássicos da literatura infantojuvenil, fala sobre aproximar leitores jovens das histórias antigas.

Livro não é disciplina 26

Conheça o projeto da FTD Educação, em parceria com a Comunidade Educativa CEDAC, que incentiva a leitura em escolas municipais.

Ler com e não para as crianças 32

Compartilhar temas delicados com as crianças através da leitura é uma forma de escutar suas percepções, impressões e sentimentos.

Máquinas de pensar 37

A viagem no tempo na companhia dos livros é celebrada pelas escritoras Maria Valéria Rezende e Luana Chnaiderman em suas memórias de infância.

Impressão 42

Manchas de tinta que formam palavras e imagens. Quer saber mais sobre as etapas de produção de um livro? Conheça esse processo e aproveite para transformar sua casa em uma pequena gráfica artesanal.

Primeiras histórias 46

Como as primeiras histórias que ouvimos ajudaram a constituir quem somos hoje? Com essa pergunta, apresentamos depoimentos dos escritores Breno Fernandes e Elias José.





Para sermos leitores

A literatura é essencial na educação, nos afetos e na compreensão da vida. Ainda lemos pouco, mas mudar essa realidade pode ser transformador e delicioso

por Natalie Catuogno Consani



O acesso à literatura é considerado um direito humano. Além de ser um instrumento de educação, é uma ferramenta intelectual e afetiva que nos permite elaborar problemas e sentimentos através de seus múltiplos gêneros — poesia, romance, ensaio, crônica —, como nos ensinou Antonio Candido, um dos mais importantes sociólogos e críticos literários do Brasil, morto em 2017.

No entanto, ainda lemos muito pouco no Brasil. A mais recente pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro/Ibope, mostra que 30% dos brasileiros nunca compraram sequer um livro e apenas 56% declararam ter lido ao menos um livro nos três meses que antecederam a pesquisa. Além disso, um levantamento realizado em 2018 pelo Banco Mundial foi ainda mais desanimador: na toada em que estamos, só daqui a 200 anos alcançaremos o nível leitor dos estudantes de países desenvolvidos.

Esses dados são preocupantes, principalmente se considerarmos o papel fundamental das histórias na construção da subjetividade das crianças. Como explicou a psicóloga argentina María Emilia López no Seminário Internacional Arte, Palavra e Leitura na Primeira Infância, em 2018, as narrativas ajudam a dar sentido à experiência humana. Sua força é tal que é como se o ímpeto de contar histórias nos viesse por uma espécie de herança genética.

Patricia Aldana, da IBBY (International Board on Books for Young People), fundação internacional de fomento à literatura infantojuvenil, afirma que os livros têm de ser janelas e espelhos. Janelas para uns são espelhos para outros. Pelos livros, podemos ver o mundo e ampliar nossas perspectivas, mas também nos reconhecer neles.

Os desafios para reverter essa situação são conhecidos. Além dos programas públicos de adoção de livros nas escolas e de uma extensa discussão sobre como a escola pode melhorar a relação das crianças com os livros, é possível — e necessário — ampliar o acesso à leitura no cotidiano. “Os livros precisam estar em casa”, é o que defende Fabíola Farias, coordenadora da rede de bibliotecas da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

“Quando entramos em uma casa brasileira, em geral, não encontramos nenhum livro. No entanto, há aquela TV enorme, gigantesca na sala. Isso revela valores, inclusive às crianças”, avalia Adriana Klisys, psicóloga e diretora do Caleidoscópio Brincadeira e Arte.

Porém, com muito prazer e um pouco de persistência, é possível formar crianças leitoras e, ao mesmo tempo, nos formarmos leitores também, em um percurso deliciosamente enriquecedor para pequenos e nem tão pequenos assim.

Quando começa a história

Livros são presentes e presença.

Em primeiro lugar, é preciso saber que os livros vão muito além da história. Eles representam presença para as crianças, formação de vínculo, afeto. As crianças ficam maravilhadas não apenas com a narrativa, as ilustrações, mas também, e especialmente, com a companhia dos pais, inteiramente disponíveis para elas e focados em uma atividade prazerosa e conjunta.

Para a escritora e livreira espanhola Lara Meana, formadora de mediadores de leitura tanto em ambientes escolares quanto privados — mães, pais, parentes etc. —, “livro é vínculo e comunicação”, e essa é uma premissa que não pode ser esquecida pelos mediadores.

“Não existe uma receita de como ler para uma criança, mas a primeira condição para isso é a oferta de tempo para estar com ela, efetivamente. É necessário tempo para ler e repetir, para ver as ilustrações, para voltar páginas, para ouvir suas impressões, para falar sobre o livro”, diz Fabíola Farias.

Lara Meana complementa que é fundamental que os pais continuem lendo mesmo para crianças maiores, já alfabetizadas, se os filhos assim o desejarem. Isso porque o afeto é a linguagem que permeia essa relação.





Forme-se leitor. Muitos pais viveram uma infância com bem menos livros — em quantidade, variedade e qualidade. É relativamente recente a profusão de tantas obras ilustradas, inclusive para bebês e crianças bem pequenas. O comum era que o acesso aos livros acontecesse só a partir da alfabetização, com pouca mediação dos adultos.

Portanto, são poucos os que têm referências de literatura infantil, de formação de hábitos leitores, de mediação.

Um bom começo é frequentar livrarias e bibliotecas públicas; ler *sites* e revistas que tratam do tema. Ler sobre livros ajuda a ganhar referências. Ir a contações de histórias e peças de teatro também ajuda a construir repertório.

Nas livrarias e bibliotecas, vá com tempo e disponibilidade para vasculhar prateleiras, selecionar títulos, lê-los. É preciso experimentar para escolher aquilo que toca sua sensibilidade, que emociona, que mexe com você. E, assim, ir fazendo cada vez melhores escolhas a partir da construção de um crescente repertório.

“Sempre sugiro que as famílias façam carteirinhas de empréstimo em bibliotecas. É um passeio delicioso e afetuoso relacionado ao universo da linguagem.

O acervo é surpreendente, as crianças podem testar gêneros diferentes, é possível se perder entre as prateleiras em busca de uma obra e é bom que as crianças saibam que livro não é sempre algo a se comprar”, recomenda Adriana Klisys.

As crianças são essenciais nesse processo. Leia para elas em bibliotecas e livrarias. Observe suas reações. Do que elas gostam? Lara Meana conta que, em sua livraria, instalada no norte da Espanha, ela escolhe os títulos e sempre repara em como são recebidos pelas crianças em momentos de mediação. Dependendo do entusiasmo dos pequenos, ela valida ou não sua curadoria.

Leia livros para os bebês e para as crianças pequenas. “Para que as crianças possam se tornar leitoras, é necessário que alguém as aproxime de livros, que leia para e com elas”, diz Fábíola Farias.

Especialistas explicam que brincadeiras com a oralidade, como cantigas, parlendas e trava-línguas, são essenciais no percurso leitor. Também podem e devem integrar momentos de literatura, mediados ou não pelo livro.

Mas o livro tem um papel fundamental a cumprir. Não basta narrar histórias, é preciso lê-las para as crianças, como estão no papel, como foram pensadas pelos artistas, com os recursos estéticos e estilísticos escolhidos.

Mesmo que as crianças sejam pequenas e que você ache que elas não vão entender determinada palavra ou construção, é importante ler e colocá-las em contato com o uso mais sofisticado da língua.

“Se falamos com as crianças, por que não apresentar a elas uma linguagem mais elaborada, como a literária?”, pergunta Denise Guilherme, curadora e fundadora de A Taba, clube de assinatura e plataforma de conteúdo sobre literatura para crianças.

Coloque os livros no cotidiano.

Uma casa leitora é aquela que tem livros espalhados por muitos cômodos, móveis e, especialmente, por muitos momentos. Momentos de leitura são importantes, por exemplo, na hora de dormir, com tempo para ouvir as crianças, para mostrar as ilustrações, para deixar que elas falem, comentem, perguntem, ainda que sejam balbucios de bebês. Ouça.

O livro é, antes de tudo, veículo de comunicação entre pais e filhos e portador de narrativas que ajudam as crianças a nomear o mundo e a si mesmas, a construir sentidos e lidar consigo e com os outros; por isso, tem de ser comparilhado.

"As crianças também nos ensinam a ler quando lemos para elas", diz Meana.

"Aqui lemos em dois momentos: na hora de dormir e de manhã. A leitura da manhã é livre, é quando lemos inclusive livros mais animados. Para ler à noite, escolho aqueles mais introspectivos", conta a jornalista Tati Cotrim, mãe de um menino de 5 anos e de uma menina de 2.

Além da hora de dormir, é preciso abrir espaço para outros momentos de leitura, que podem acontecer ao acordar, em um parque no final de semana, na beira da praia, na mesa de um restaurante enquanto a comida não vem, na livraria, na biblioteca, na sala de espera do pediatra.

Sabe aqueles momentos em que as crianças pedem o celular e nós o entregamos? Por que não oferecer literatura de qualidade e afeto?

Ao alcance das mãos. A mediação do adulto é fundamental. Mas é igualmente essencial que as crianças tenham acesso aos livros. Que possam folheá-los, ver as imagens, as letras, cheirá-los, manipulá-los, experimentar a materialidade, apropriar-se daquele que é um dos mais importantes objetos de cultura.

Há uma ideia de que os bebês podem estragar os livros. O risco existe, mas, como diz Denise Guilherme, há que se investir "esse preço" na formação leitora, até mesmo porque, em geral, conforme os bebês manipulam os livros, a curiosidade que, muitas vezes, os leva a amassar, morder ou puxar outros objetos diminui.

"A família pode eleger alguns livros para só oferecer com mediação e deixar outros, também de qualidade, ao alcance dos muito pequenos", sugere ela. Para crianças maiores, a recomendação é deixar as obras em prateleiras ou estantes no máximo na altura dos olhos delas. Livres, sem restrição.

Leia com o corpo, deixe o corpo das crianças ouvir. Permita-se sentir a obra, perceber os efeitos que aquelas palavras causam em você, afetar-se pelo ritmo, pelos movimentos, pelas rimas. Encontre o seu jeito de ler. O melhor timbre de sua voz. O mais confortável.

Permita-se mudar a entonação dependendo da história, fazer variações de voz para cada personagem, surpreender-se, rir junto.

Para curtir a literatura, é importante deixar as crianças livres, especialmente as pequenas. Elas não precisam ficar sentadinhas ao seu lado. Em geral, bebês e crianças pequenas vão e voltam quando estão atentos à história, gostam de caminhar. Eles ouvem em movimento, as emoções os colocam em ação.



Bons livros e a linguagem das crianças

Seja curador. Acesso à literatura pressupõe também escolhas de um bom repertório, de um acervo adequado. Para Denise Guilherme e Fabíola Farias, um bom acervo não é aquele com maior quantidade, tampouco orientado pela faixa etária.

Bom livro é aquele que “dura”, ou seja, com um valor artístico e estético capaz de suscitar diversas leituras ao longo do tempo, que não envelhece, que “cresce” com a criança. Ela fará uma leitura quando bebê, outra quando maior e ainda várias a cada vez que voltar ao livro.

Conheça seu leitor. Um cuidado é não subestimar a capacidade das crianças, tampouco comprar livros que as subestimem. Denise Guilherme explica que é preciso perceber que o universo da infância não se limita a personagens de desenhos, a personagens fofinhos e a cores suaves. A possibilidade estética do que pode ser oferecido para uma criança desde cedo é muito maior.

“São os livros mais complexos os que ‘dão mais caldo’ com as crianças”, diz Patrícia Pereira Leite, psicóloga e cofundadora do projeto A Cor da Letra. Isso porque a arte dialoga com o inconsciente especialmente nos pequenos, que ainda não dominam a linguagem mais racional.



Poeme-se. A poesia, que parece tão árida e difícil aos olhos dos adultos, é extremamente prazerosa e atrativa para crianças muito pequenas, especialmente bebês.

Canções de ninar, parlendas, jogos narrativos estão presentes em quase todas as culturas. Os balbucios dos bebês são mais que treinos e repetições que eles fazem para dominar o idioma. São brincadeiras, prazer. Bebês jogam com os sons. O som da voz é uma das primeiras coisas que o feto ouve e reconhece.

Ao nascer, o bebê é capaz de identificar a voz da mãe, que pode funcionar como um tranquilizador para o pequeno ser que chega a um mundo completamente estranho. Algo que faz sentido entre tantas novidades que parecem caóticas.

Não à toa, bebês têm uma relação de encantamento com os sons das palavras e são excelentes em identificar rimas, repetições, musicalidade, ritmo. Bebês são leitores especialistas em poesia.

“A poesia é fundante no humano. Para os bebês e as crianças pequenas, o encontro com a poesia é uma das formas mais intensas e profundas de encontrar-se com a literatura e traz uma linguagem que tem profunda ressonância com sua linguagem interior, com essa linguagem que está em construção”, explica María Emilia López.

As crianças devem participar da seleção dos livros, tanto escolhendo-os de fato quanto validando ou não uma escolha dos adultos. Quanto mais escolhas elas puderem fazer, melhor será sua capacidade de discernir.

Uma boa dica é observar quais são os temas, os gêneros literários, os tipos de ilustração que interessam mais aos pequenos e investir algumas horas com eles em livrarias e, principalmente, bibliotecas públicas, em seções onde haja oferta desse tipo de literatura.



Nem sempre é divertido. Fabíola Farias pondera que, embora associado à diversão, ao entretenimento e ao prazer, o livro não é sempre fácil, pelo contrário. Os temas podem ser duros, tocar em questões delicadas, tratar de medo, de angústias (e nisso reside inclusive a força da literatura). Ou a forma pode exigir empenho do leitor: uma linguagem literária sofisticada pode ser desafiadora.

Mas, como Fabíola assegura, para as crianças isso não é problema. A ideia de que todas as experiências das crianças precisam ser divertidas é pura imaginação — dos adultos.

Pistas para escolher livros de qualidade

Um livro de qualidade nem sempre está exposto nos locais de maior fluxo nas livrarias, nem sempre tem destaque, nem sempre é fácil de encontrar.

Um livro de qualidade dá certo trabalho, é verdade. Mas garantimos que vale a pena. Por isso, e para facilitar seu trajeto até ele, elaboramos um singelo mapa do tesouro, repleto de pistas.

Pista 1: um livro de qualidade é aquele que mexe com o leitor, que toca sua sensibilidade, que o surpreende ou emociona.

Pista 2: um livro de qualidade geralmente foge de estereótipos, não é “para menina” ou “para menino”, independe de faixa etária, não precisa ter tons pastel, nem sempre fala de princesas, não infantiliza as crianças, não precisa ter personagens da moda ou acessórios que piscam.

Pista 3: um livro de qualidade não se parece com um brinquedo.

Pista 4: é importante dizer que um livro de qualidade tem uma linguagem trabalhada, mas não rebuscada; ele é rico tanto pela história que conta quanto pelo modo como usa as palavras, como articula texto e imagens, como oferece um prazer estético que nem sempre fala à racionalidade.

Pista 5: um livro de qualidade tem ilustrações de qualidade, também longe dos estereótipos, repletas de sutilezas, com traços e cores que surpreendem, emocionam. Contam, às vezes, outra história além daquela narrada em palavras.

Pista 6: um livro de qualidade mora longe: às vezes, é preciso se perder nas prateleiras mais escondidas das livrarias, flunar sem pressa, deixar-se sentar e ler, ler, ler. Às vezes, o livro de qualidade está esperando nas bibliotecas, com as marcas firmes de encontros felizes com outros leitores que ousaram encontrá-lo em outros tempos.

Pista 7: um livro de qualidade é imortal e leal. Ele dura, cresce, acompanha seus leitores em cada fase da vida. Sua complexidade, riqueza de sentidos e camadas oferecem prazer e leituras inesgotáveis. Um leitor adulto que volte ao livro de qualidade de sua infância sentirá que navega águas plácidas, com aquele gosto de bolinho de chuva, tarde na rede, colo de avó.



Como criar um canto de leitura em casa

Um bom canto de leitura, dizem, precisa apenas de um leitor, livros e um lugar confortável para acomodar o corpo. Mas é possível fazê-lo mais aconchegante se partirmos dos mesmos elementos e acrescentarmos alguns. Conversamos com o arquiteto Ricardo Amado, que projeta espaços de leitura do Sesc, brinquedos e exposições, e com a psicóloga e diretora da Caleidoscópio Brincadeira e Arte, Adriana Klisys. Eles deram as seguintes dicas:

- O espaço deve ter o necessário para ser agradável, sem enfeites em excesso. É para ser introspectivo, menos é mais.
- Pode ser no quarto ou fora dele, o importante é estar delimitado, ser um espaço único, reconhecível.
- Se tiver luz natural, melhor.
- Uma luminária ou um abajur também podem aumentar o conforto e facilitar a leitura.
- Tapete no chão, almofadas e rede são ótimas pedidas para os pequenos. Para crianças maiores, que já leem obras de mais fôlego (acima dos 6 anos), uma poltrona pode ser mais indicada.
- É bacana simular uma cabana, um esconderijo, uma "toca". "As crianças adoram ter onde entrar para ler", diz Ricardo Amado. Em casa, nem sempre é simples, mas ele recomenda tecidos pendurados no teto.
- Livros sempre à mão das crianças e, se possível, com as capas viradas para a frente, para facilitar a escolha.



Onde você lê?

"Em qualquer lugar, menos no banheiro rsrsrs. Para os filhos, quase sempre no quarto, antes de dormir e quando acordam."

Paula Nepomuceno Ribeiro, 36 anos, *designer*

"Ônibus e metrô."

Keyla Ferreira da Costa, 33 anos, professora de Educação Infantil

"Nas filas e trens. Leio muito no sofá, ou pela manhã ou no fim do dia. À noite, na cama. Leitura de trabalho é o dia inteiro, no escritório."

Paula Bolonha, 33 anos, antropóloga



Mas como se desenvolve um futuro leitor? Se na receita o afeto é a dose certa, apresentamos alguns ingredientes que podem ajudar nesse caminho, como a identificação de cada fase do desenvolvimento da criança como leitora.

Por que será que os bebês se encantam ao ouvir uma história, especialmente se for de alguém que eles reconhecem? E por que será que as crianças que estão arriscando as primeiras palavras adoram contos cumulativos?

A seguir, explicamos como o indivíduo compreende a leitura desde a barriga da mãe, traçando assim, com o passar dos anos, seu percurso de independência como leitor.

Fontes: Denise Guilherme (*A Taba*), *Aprender Linguagem (Laboratório de Educação)* e *A pequena história dos bebês e dos livros (Instituto Emília)*.

Barriga leitora

Sabe aquela cena clássica em que a mãe e o pai, ou até mesmo a família toda, passam a mão na barriga e conversam com ela? Por que não fazer igual com a leitura, narrando histórias durante a gravidez?

Os bebês já percebem sons e ruídos por volta do terceiro mês de gestação. No quinto, eles começam a distinguir a voz da mãe. Há pesquisas que mostram, em imagens em 3D e 4D, as expressões — irritadas ou serenas — que os bebês fazem ao escutar diversos tipos de som. Até mesmo sinais de relaxamento são detectados, como batimentos cardíacos reduzidos, quando ouvem música clássica, por exemplo.

Mas, então, o que ler para o bebê que ainda está na barriga? A resposta é simples: o que faz bem à mãe. Afinal, é isso que será compartilhado com ele, um sentimento de bem-estar, que muito provavelmente será transmitido em forma de voz doce e lembranças boas, provocando sensação de acolhimento.

Adivinhas, textos rimados e cantigas são ótimas opções para mãe e filho estabelecerem uma relação a partir da palavra, que não seja somente pelos livros e pela leitura, mas pelo som afetivo que mais para a frente será associado a um grande prazer durante a experiência de leitura.

No início da vida, o bebê e o adulto se comunicam olhando um para o outro. A voz e o rosto de quem está com ele são os primeiros livros do bebê. Ele capta os sons e os movimentos faciais e os registra em sua mente – antes mesmo de começar a falar. A pequena história dos bebês e dos livros, Instituto Emília.

Bebê leitor

Consideramos pré-leitores crianças de até 3 anos — idade em que começam, na maior parte dos casos, a desenvolver a linguagem oral.

Depois de nove meses imerso no corpo da mãe, o bebê vive uma necessidade fisiológica de organização interna, já que agora ele tem de se adaptar a vários processos novos, como respirar. O ritmo e a repetição serão seus grandes aliados, além, é claro, do colo, do olho no olho, do corpo expressando as emoções: ingredientes para uma leitura com afeto.

Logo nas primeiras horas após o nascimento, os bebês associam o rosto à voz da mãe. Aos 3 meses, já fazem isso com os familiares e pessoas mais próximas. E até os 12 meses eles são capazes de relacionar o movimento dos lábios às palavras.

A fala da mãe quando se dirige ao bebê, independentemente da cultura em que estão inseridos, é musicada. Sabemos que cadência, melodia e ritmo, relacionados à respiração, acalmam. Não à toa, os textos em que a sonoridade se destaca chamam muito a atenção dos pequenos.

Ritmo e entonação são muito importantes para o bebê pré-leitor. Por isso, estruturas de repetição presentes em parlendas, quadrinhas, cantigas e histórias de acumulação são ótimas companhias. Previsíveis, elas transmitem segurança às crianças, que antecipam a história lida.

É o caso das onomatopeias — palavras inventadas para imitar sons naturais, como *chuá-chuá*, *tique-taque*, *atchim* etc. —, que, por sua simplicidade fonética, ajudam a criança a usar a linguagem. É através do som que ela começa a compreender o que cada palavra pode significar: perigo, ironia, graça, entre outros.

Aos 2 anos, a criança começa a falar. É nessa fase que ela também começa a narrar em palavras seu jeito de organizar o mundo a partir do que aconteceu, do que acontece, do que pode acontecer e daquilo que ela gostaria que acontecesse, mas que talvez seja impossível. Assim se iniciam o faz de conta e o jogo simbólico.

E o que será que isso tem a ver com a literatura? Esse é um bom momento para retomar ou iniciar a leitura de narrativas. Afinal, o que é a literatura senão uma grande oportunidade de inventar e viver outras realidades?

Leitor iniciante

Assim podemos chamar as crianças que estão começando a alfabetização. Esse é um processo complexo, que depende das particularidades de cada criança e que, geralmente, tem início aos 6 anos de idade. Segundo a Base Nacional Comum Curricular, a alfabetização deve acontecer nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental.

Nesse momento, não há leitura de letras, mas de palavras e, com o tempo, frases. Quanto mais vocabulário, mais repertório para ler outras palavras. Mas atenção: fluência não é ler rápido, e sim compreender o que se lê.

Textos de tradição oral, trava-línguas, repetições, poemas e aqueles gêneros em que a criança se apoia mesmo sem ler, como os contos, e dos quais domina diálogos conhecidos são boas opções neste momento. Um exemplo? As falas da Chapeuzinho e do Lobo Mau no final da história, com uma estrutura repetitiva simples e fácil de memorizar, em que apenas as partes do corpo e suas respectivas habilidades vão mudando.

Essa previsibilidade, que já foi tão importante para o bebê, nesta fase leitora faz com que a criança leia com mais facilidade e possa ter um pouco mais de autonomia. Isso é bem interessante para o processo de alfabetização, pois a criança pode fazer conexões e formular hipóteses sobre a escrita, com base no conhecimento que ela já tem sobre a língua e a linguagem.

Leitor autônomo

A próxima fase do percurso leitor apresenta narrativas mais complexas e exige habilidades mais avançadas, como a de conseguir acompanhar uma história mais longa e com mais personagens.

A criança que passou pelos processos anteriores tem uma capacidade maior de escuta, e assim é capaz de ler e compreender com autonomia, ou seja, ler sozinha e com fluência.

Leitor independente

É o leitor autônomo, mas com um repertório que atinge camadas mais profundas. Para isso, é preciso tempo de vida para ter experimentado muitas narrativas e compreender com profundidade o texto, as imagens e a relação entre as obras e os autores.

Algumas crianças já têm um repertório de leitura que possibilita a elas comparar autores, estilos, perceber semelhanças e diferenças nos elementos da história, além de prever algumas estruturas. Isso significa que já incorporaram cada código em sua experiência leitora e muito possivelmente transitaram por diferentes estilos.

Em relação à linguagem, estamos falando de um leitor que já entende bem os termos abstratos e as linguagens figuradas, de forma que seu olhar (ou sua leitura) ganha refinamento.

Agora, queremos saber do seu percurso. Quer trilhar um caminho leitor? Independentemente da idade, o ingrediente principal você já tem: interesse. Leia aquilo que lhe faz bem, busque temas ou estilos que lhe agradam, leia textos variados, que transmitam afeto.

"Os outros que moram em nós", segundo Mauricio Negro



A leitura de livros que expressam a diversidade cultural própria do nosso país pode ser um momento de encontro com os vários outros que nos habitam e nos constituem

Por Cristiane Tavares

Branco, preto, pardo, amarelo e indígena são as cinco categorias de “pertencimento racial” oferecidas pelo IBGE. Quem já recebeu um pesquisador do censo em casa ou teve de preencher uma inscrição em algum concurso público se deparou com essas categorias.

É difícil classificar uma população de mais de 200 milhões de habitantes em apenas cinco categorias. De qualquer maneira, não deixa de ser um ponto de partida para iniciar uma reflexão acerca das questões que envolvem as relações raciais em nosso país. Como se autodeclararam os brasileiros nessas situações?

No último censo, registrado em 2010, tivemos a seguinte resposta: 47,7% se autodeclararam da cor branca, 43,1% parda e 7,6% preta, além de 1,1% amarela e 0,4% indígena. Estudiosos indicam que a cor parda serve, muitas vezes, como coringa para aqueles que identificam em suas origens uma mistura racial e têm dificuldade de incluir-se em uma categoria mais específica, como branco ou preto. Os especialistas apontam também para a forte presença de uma mentalidade colonizada entre a população brasileira que prefere se ver como branca ou parda, descendendo de europeus, e não de africanos ou latino-americanos. Isso também pode ser reflexo de um triste marco que acompanha a história do nosso país: o Brasil foi a última nação do continente americano a abolir a escravidão.

Mas o que tudo isso tem a ver com as crianças, a escola, as famílias e a literatura infantojuvenil? Tudo! Se o livro para crianças é um espaço de manifestação poética que propicia o encontro consigo e com o outro, é preciso que seja um lugar para todos, e não apenas para alguns poucos privilegiados. É preciso

que a criança se identifique com o que vê nas ilustrações, que seja convidada a repensar verdades impostas socialmente e mitos raciais construídos de modo unilateral. Quantos livros você conhece com personagens negros? E indígenas? Sobre o que tratam esses livros? Que papel esses personagens costumam ocupar nas narrativas? Protagonistas ou subalternos? Como são retratados? Por que será?

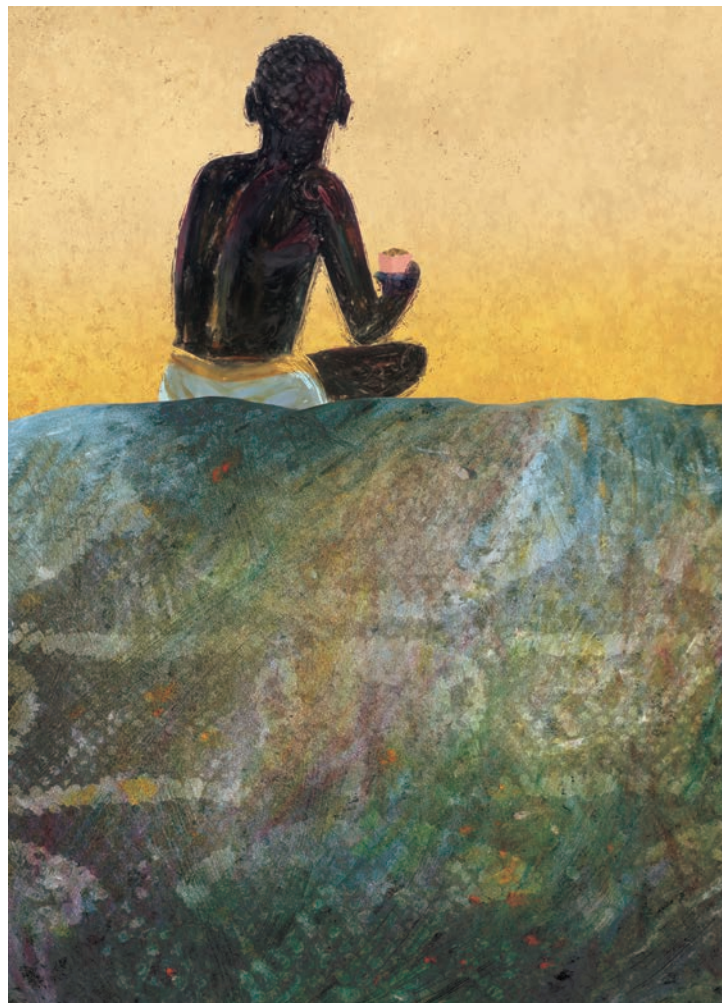
Você já parou para pensar nisso tudo? O escritor e ilustrador Mauricio Negro já! Ele é o autor e ilustrador do livro *Gente de cor, cor de gente*, lançado pela FTD Educação em 2017, e de outros títulos sobre essa temática. Sua pesquisa como artista revela uma forte preocupação em compreender as diferentes estéticas que acompanham as diversidades cultural e racial brasileiras. Em conversa com o *Livro da Família*, Mauricio conta que sua própria experiência desde a infância o levou a perceber a diversidade:

“Pela Fazenda Santa Rosa, passaram quatro gerações de nossa família, um resumo do Brasil colonial, casa-grande e senzala, época do açúcar. Fui uma es-



pécie de Pedrinho naquele nosso Sítio do Picapau Amarelo particular. E nossa família é fruto de uma bela mistura de origens e contornos. Todo camponês é meio índio, na percepção e no jeito caboclo de viver. Guardo isso tudo na memória e na experiência. Minha poética, digamos assim, se alimenta dessas e outras vivências. Embora não tenha premeditado nada, percebo hoje o nexos que a literatura e a arte têm para mim. Levando em conta os tantos projetos que já realizei, tudo faz um tremendo sentido. Hoje sei da importância e do desafio que é tratar de assuntos que me acompanham há muito e que são hoje indispensáveis para reformar esse puxadinho chamado civilização”.

Assim como Mauricio, a maioria das crianças se dá conta, com muita naturalidade, dessa diversidade que nos caracteriza. A aproximação com aquele que é diferente seja pela cor da pele, seja pelo modo de falar ou de se vestir, se dá com espontaneidade no universo infantil, principalmente sem a presença de



um adulto, muitas vezes já tomado por preconceitos de toda ordem. Quando isso não ocorre de modo natural entre as crianças, deve haver influência de pai, mãe, professores. O problema torna-se ainda mais preocupante quando a intervenção adulta aparece sob a forma de censura a algum tipo de leitura, ou durante uma conversa com tom moralista sobre as impressões que um livro causou. Mata-se a literatura dessa forma. E também a arte, a possibilidade de diálogo, crescimento, convivência fraterna. Nas palavras do autor:

“Clichês, lugares-comuns, ideias preconcebidas e preconceitos são tormentos. Convém espantá-los, sempre que preciso. Temos condicionamentos demais, redomas e filtros culturais. É indispensável se esquivar da estreiteza dos

Assim como Mauricio, a maioria das crianças se dá conta, com muita naturalidade, dessa diversidade que nos caracteriza. A aproximação com aquele que é diferente seja pela cor da pele, seja pelo modo de falar ou de se vestir, se dá com espontaneidade no universo infantil

consensos, maneirismos e normas mais consagradas. Tem que buscar alternativas. Como fazer diferente? Uma criança é tão distinta de outra quanto um adulto dos demais. E naturalmente isso vai além da faixa etária. Então, como premeditar algo para alguém, ainda mais neste país de tantas desigualdades? Aí entram mais uma vez a vivência, a abertura, a aceitação do incerto e o desejo de aprender. O saudoso líder indígena Moura Tukano disse certa vez: 'Pobre daquele que deseja ensinar antes de aprender'".

É preciso aprender com a criança que lê sem censuras prévias, que manifesta

espontaneamente suas opiniões, dúvidas e perturbações, que se abre ao inusitado e pede mais. Sentar-se ao lado dela para compartilhar a leitura de um livro, disposto mais a ouvir do que falar, costuma ser uma experiência preciosa, como também destaca o autor:

"Hoje há mais exposição da diversidade, o que é muito positivo, essa abertura em tais proporções é inédita. Resta aguardar o quanto avançaremos, porque o diálogo, na real, ainda é muito precário. Há mais gente disposta a falar do que a escutar. E temos dois ouvidos e uma boca. A anatomia dá a dica".

Ilustrações que
Mauricio criou
para os livros
Uala, o amor e
Conchas e búzios



Criação, (muita) diversão e arte

O escritor e dramaturgo Flavio de Souza envolve-se com cada novo texto como se estivesse começando e, nesse jogo, o humor é seu maior companheiro

por Cristiane Rogerio

Autor premiado de peças de teatro e livros infantis da FTD Educação, além de roteirista de programas que marcaram a televisão brasileira, como *Mundo da Lua* e *Castelo Rá-Tim-Bum*, Flavio é um narrador sempre pronto a puxar pontas de várias histórias, exercendo o prazer de costurar as palavras como se cada cena tivesse acabado de acontecer. É capaz ainda de transitar com habilidade por múltiplas funções, como as de ator, dramaturgo, diretor de teatro e humorista. Aqui ele nos conta sobre os caminhos de sua escrita, recuperando generosamente detalhes de sua vida, como a descoberta do amor pela arte aos 6 anos de idade.



Flavio de Souza com a neta Flora

Qual a lembrança mais remota que você tem do encontro com a palavra escrita?

Tenho três irmãs. A que tem a idade mais próxima da minha escreveu a palavra “bobo” em algum lugar. Lembro que achei sensacional, uma palavra fácil de identificar, eram quatro bolas. Então escrevi “bobo” na parede e deu o maior problema em casa [risos]. Apesar disso, me senti meio mágico de conseguir escrever uma palavra!

Você vivia em um ambiente cheio de livros? Sim, muito livro e muita revista, porque meu pai trabalhava na Editora Abril.

E quais são as lembranças das primeiras leituras na sua vida? A primeira coisa que li foi uma cartilha. A professora dava algumas páginas do livro para a gente ler aos poucos e ficava um suspense. Depois, li o *Almanaque do Tio Patinhas*, e então achei um *Reinações de Narizinho*, do Monteiro Lobato, e foi esse o primeiro livro que eu peguei e li tudo. Acho que é o livro que eu mais gostei de ler na vida, já reli 500 vezes.

Quando foi isso? Na década de 1960.

E como você se tornou um leitor? A oferta de livros infantis não era grande como hoje, mas histórias para crianças começaram a ser publicadas na revista *Recreio*, criada em 1969, e eram escritas por autoras como Ruth Rocha e Ana Maria Machado. Sim, e eu co-

mecei a escrever lá também! Claro, bem depois delas. A convite da Ruth Rocha, escrevi uma história chamada "Homem não chora".

Qual é sua formação? Eu queria ser ator e diretor de cinema. Fiz o Ensino Médio no colégio Equipe, e depois entrei na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Só que minhas expectativas não foram correspondidas logo de cara, e abandonei o curso. Mas sempre estive com um grupo do teatro, o Pod Minoga. Foi aí que conheci todos os meus amigos, a mãe dos meus filhos. Estudei também na FAAP, que era uma escola de artes para jovens antes de virar uma faculdade. Lá tinha um curso para crianças e outro para adolescentes, dirigido por Naum Alves de Souza e de onde saiu o meu grupo. Era teatro experimental, todo mundo fazia tudo. Sempre a partir de improvisação, como eram os cursos do Naum. Inventava um roteiro, mas não tinha texto para decorar. Combinava e inventava. Cada dia era completamente diferente! [risos]

E como você começou a escrever as peças? Eu já escrevia para a revista *Recreio* e uma história ficou muito grande, chamada "Vida de cachorro". Participava de uma peça do Naum e no teatro funcionava a Associação Paulista de Teatro para a Infância e Juventude. Um dia vi um cartaz deles sobre um concurso para uma leitura dramatizada. Eles decoravam o texto, faziam a música, bem básico, sem figurino nem nada, atores excelentes. Foi assim que meu texto acabou virando uma das minhas primeiras peças.

E onde a peça foi encenada? Na Biblioteca Monteiro Lobato, nome do primeiro autor que li! Pela primeira vez, vi uma coisa ao vivo que eu tinha escrito. Meus pais foram ver, e meu pai falou "eu

vou produzir e você vai dirigir". Fiquei mal-acostumado e depois vi como a vida é. Por causa disso, virei quem eu sou. A peça foi para o Rio de Janeiro e lá surgiu o convite para publicar o meu primeiro livro. Depois comecei a ir a outras editoras, recebi 400 "nãos" até que publiquei algumas das histórias da *Recreio*, começando com "Homem não chora".

E como foi? Em 1986, me chamaram para fazer um teste. Era a primeira vez que alguém era chamado só para escrever em um programa infantil da TV Cultura; antes, os produtores faziam tudo.

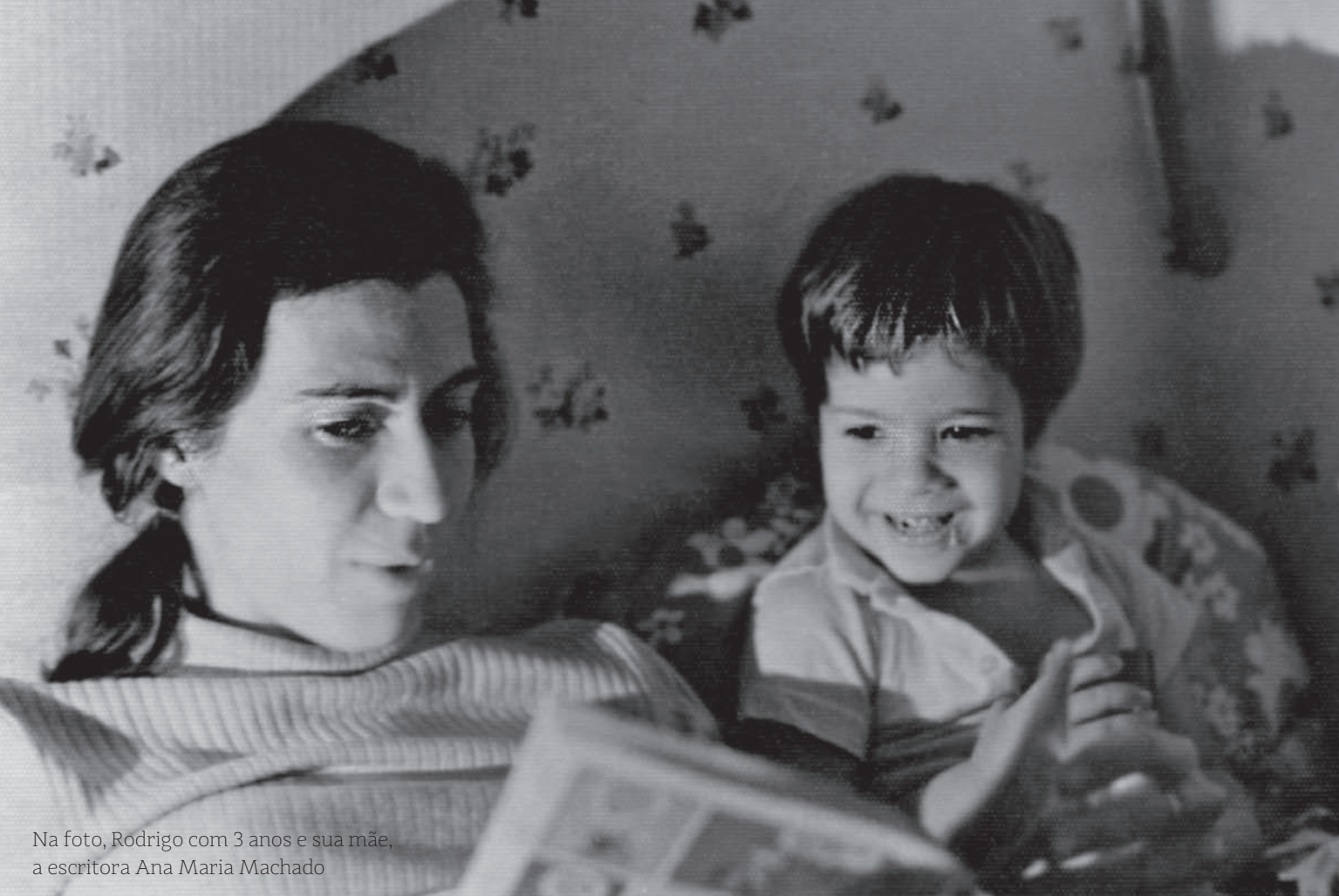
As linguagens passaram a variar, mas o humor estava sempre presente. É uma escolha consciente? A vida tem humor. As melhores peças, livros, filmes, por mais que sejam trágicos, têm humor também. Tem muito a ver com o Pod Minoga. Tirando duas, todas as peças tinham humor. Não sei se já tinha isso em mim, tudo que eu faço tem humor. E para criança isso é básico.

O riso é um jeito de ter acesso às crianças? O melhor acesso, ouvir as risadas! É um jeito de se comunicar.

Você tem um livro chamado *Chapeuzinho Adormecida no País das Maravilhas*. Você gosta de brincar com as histórias clássicas? Gosto, mas nem sempre. Você muda uma coisa na hora de contar antes de dormir e as crianças brigam! [risos] A *Chapeuzinho* era uma peça musical com sapateado.

O que é contar uma boa história?

Não pensar que vou ganhar um prêmio de melhor roteiro ou inovar a literatura mundial, mas sim que vou contar uma história do jeito que eu acho melhor. É lembrar que Shakespeare fazia teatro para o público e não para a crítica.



Na foto, Rodrigo com 3 anos e sua mãe, a escritora Ana Maria Machado

Paixão e flexibilidade:

os desafios de um adaptador de histórias

Rodrigo Machado, tradutor e adaptador da coleção *Almanaque dos Clássicos da Literatura Universal*, da FTD Educação, fala sobre o trabalho de aproximação dos leitores jovens a histórias contadas muito tempo atrás

por Cristiane Rogerio

Leitor apaixonado, o paulistano Rodrigo Machado nasceu e cresceu no meio dos livros. Livros acessíveis, sem muita mediação, como recomendava uma das avós. Filho da escritora Ana Maria Machado, sobrinho de Ruth Rocha, talvez ele nem tivesse como escapar dessa paixão familiar. Morador do Rio de Janeiro desde os 6 anos, ele guarda memórias das férias com a família no estado vizinho, Espírito Santo. Histórias e livros chegavam nas horas de descanso e tinham acesso livre. Da área de criação de *softwares*, há algum tempo se enveredou pelo mundo da adaptação literária e, vejam só, quem ele reencontrou? Um Rodrigo da infância, pronto para se perder nas mais incríveis aventuras.

Quais são as suas lembranças de leitura na infância? Aqueles livros com as lombadas coloridas! Na casa da minha avó, tinha estantes com muitos livros adultos e vários com a lombada colorida. Era época de férias, no Espírito Santo, muito intensas, tinha fazenda, praia, aquilo de subir em árvore. E lembro de almoçar e àquela hora do dia mais quente — bem história do Monteiro Lobato [risos] — ir buscar os livros. E nos dias de chuva também, né? Li muito. *Beleza Negra* [Anna Sewell], *A Ilha do Tesouro* [Robert Louis Stevenson], *Os três mosqueteiros* [Alexandre Dumas]... foi natural ler muito, tinha muito livro em casa e aí minha mãe começou a escrever para crianças. Sou, além de filho da Ana Maria Machado, sobrinho da Ruth Rocha, e

a mãe dela, minha avó, falava “deixa as crianças lerem as revistinhas”, que eram os gibis, “deixa ler, estão lendo, depois vão lendo outras coisas...”.

E olha que hoje ainda é uma luta defender a leitura de histórias em quadrinhos. Você acha que isso mudou?

Hoje está tudo mais difícil. Tenho filhos de 22 e 17 anos, mas esta geração de pais com 30, 40 anos de idade é muito massacrada pela maternidade e paternidade perfeitas, mãe ideal, filho que não vai ficar doente, que não vai ter trauma, frustração. É meio sufocante, e o “gostar de ler” entra nesse pacote.

A pressão fica ainda maior se os pais não são leitores. E se eles aproveitarem a boa oferta atual de literatura infantojuvenil para ler com os filhos?

Minha mãe fala uma coisa de que eu gosto muito: o “infantil” da literatura é o único adjetivo que amplia, ou seja, a criança e o adulto podem ler.

O que faz um livro ser clássico? Tem um pouco a questão do tempo: para virar clássico tem que ter um distanciamento, se bem que há coisas que dizem que nascem clássicos [risos]. Mas acho que são histórias contadas há um tempo e que continuam sendo interessantes, que falam de condições intrínsecas a todos nós, como lealdade, paixão, ambição.

Li muito. Beleza Negra, A Ilha do Tesouro, Os três mosqueteiros... foi natural ler muito, tinha muito livro em casa e aí minha mãe começou a escrever para crianças.

E na tradução e adaptação, como é seu processo de trabalhar com esses clássicos? Eu estou começando na área, fiz três — *As aventuras de Robin Hood* [Alexandre Dumas], *Canino Branco* [Jack London] e *A Ilha do Tesouro* [Robert Louis Stevenson] — e agora estou preparando o quarto, *Frankenstein* [Mary Shelley]. Estudei inglês na infância, até mesmo porque morei fora do Brasil e isso foi muito importante, e continuei como autodidata. Um dia, minha mãe ficou impressionada de eu estar lendo no original livros como os de Richard Dawkins, um cientista britânico que escreve sobre genética e evolução, e me propôs estar com ela em um trabalho de tradução, que foi esse do *Robin Hood*, uma coletânea narrada por várias pessoas, em vários lugares, em que misturamos muito. No *A Ilha do Tesouro*, eu ainda estava preocupado em ser muito fiel ao Stevenson. A cada oração, advérbio, eu pensava “como eu posso ousar querer mexer aqui”.

Um dia, minha mãe ficou impressionada de eu estar lendo no original livros como os de Richard Dawkins, um cientista britânico que escreve sobre genética e evolução, e me propôs estar com ela em um trabalho de tradução...



Capas dos livros *As aventuras de Robin Hood*, *A Ilha do Tesouro* e *Canino Branco*, todos traduzidos e adaptados por Rodrigo Machado

Rodrigo, com 6 anos,
e o irmão, com 2 anos



Adaptar, então, é uma sequência de escolhas que variam conforme o livro?

Isso. O Stevenson, por exemplo, cria ambientes. Ele descreve a ilha, a taverna, dentro do barco, o acampamento pestilento, e você tem que valorizar isso. O Jack London também, mas é impressionante como ele descreve o animal, o que ele está pensando, e não tem como dispensar esse traço da obra do autor.

Acredita que a adaptação é uma mediação de leitura? Acho uma ferramenta bem poderosa para não apresentar os livros aos iniciantes de maneira muito árida; senão é jogar contra.

E as outras plataformas, como cinema ou livros digitais? Parece que a literatura está se borrando do livro por outras linguagens.

Acho que é bom a literatura "se borrar", como você diz. Quando eu falo em não mexer, é mais no sentido de "puxa, isso é tão bonito...".

E um cuidado? Isso, um cuidado também. Mais do que colocar no pedestal.

LIVRO NÃO É DISCIPLINA

Projeto Pequenos Leitores, parceria entre a FTD Educação e a Comunidade Educativa CEDAC, quer que as crianças se apaixonem por ler antes de saber ler

por Nana Tucci fotos Juvenal Pereira

O que é, o que é? Do tamanho do mundo, mas cabe na palma da mão, e com ele se vivem grandes aventuras sem tirar os pés do chão? O que é, o que é? Capaz de fazer o leitor transbordar animação, mas também se recolher em estado de concentração?

“Quando eu leio um livro, sinto o meu coração bater com alegria”, diz Agatha. Em seguida, Thaila responde: “eu sinto amor”. Ana Luiza observa que o mais legal no momento da leitura é a sensação de conseguir “ficar quietinha na aula”.

Questionadas sobre o que sentem quando leem um livro, foi o que disseram espontaneamente Agatha Vitória Magalhães, Thaila Ribeiro e Ana Luiza Dias, todas de 5 anos, alunas da CEI/EMEI Adelino Gomes Marques, em Ferraz de Vasconcelos, a pouco mais de uma hora de trem da capital paulista. Uma escola onde a hora da leitura é sagrada e uma das atividades mais importantes do dia, todos os dias.

Lá os livros são escolhidos com critério e lidos em voz alta, com vontade e entonação, por uma professora que não simplifica a história, não se fantasia para contá-la e não quer outra coisa senão proporcionar aos pequenos uma viagem inesquecível por aquelas páginas.

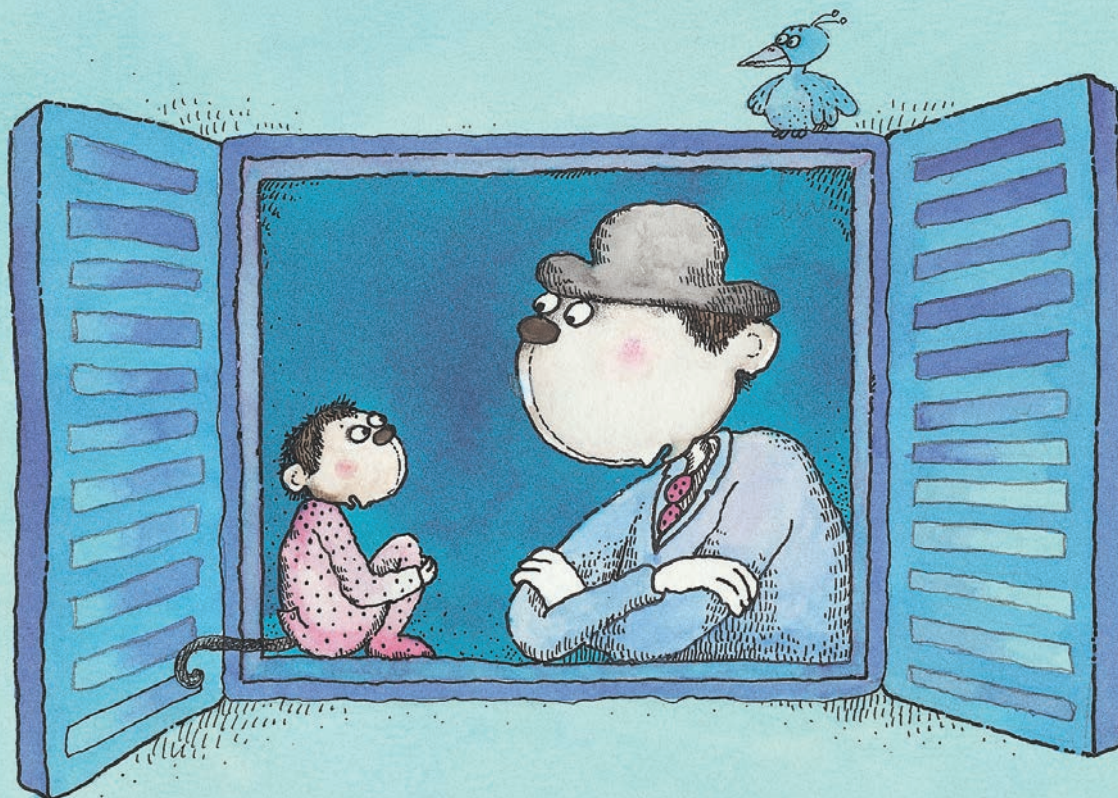
Hoje essa é a realidade da escola Adelino Gomes Marques, porque ela já esteve na “linha” do Pequenos Leitores, um “trem” que, por onde passa, vai colocando todo mundo na “plataforma da leitura” — da secretaria de educação à sala de aula, incluindo os coordenadores pedagógicos e diretores.

Parceria entre a FTD Educação e a Comunidade Educativa CEDAC (CE CEDAC), o projeto foi criado em 2012 com o objetivo de ampliar a reflexão, junto aos profissionais da educação das redes municipais, sobre a importância da formação de leitores na escola desde muito cedo. Para que, com isso, eles possam ajudar as crianças de 3 a 5 anos a ingressar na cultura escrita — um conjunto de valores e de conhecimento que se acessa por meio da leitura de livros.

“O interessante no Pequenos Leitores é o fato de ser um projeto de Educa-

ção Infantil focado em desenvolver um ‘comportamento leitor’ em pessoas que nem iniciaram a alfabetização ainda”, pondera Pamela Ribeiro, coordenadora da área de responsabilidade social da FTD Educação.

Desde sua criação, o projeto já passou por cinco municípios (Itatinga, Pratânia, Ferraz de Vasconcelos, Mongaguá e Lagoinha), alcançando cerca de 11.750 pessoas, entre profissionais da educação e crianças. Cerca de 250 novos títulos já foram distribuídos pelas escolas, somando um total de 10 mil exemplares.





Apreciação estética do livro

Hoje já se sabe que o ingresso na cultura escrita começa muito antes da alfabetização. O projeto tem como base a convicção de que a melhor maneira de conduzir uma criança até a cultura escrita é por intermédio da leitura literária, que nada mais é do que a leitura de um texto que conta uma história, uma narrativa. Por isso, no Pequenos Leitores as crianças experimentam a leitura de contos contemporâneos, clássicos e fantásticos, além de livros de poesia.

Sandra Medrano, coordenadora pedagógica do CE CEDAC, explica quais são os principais comportamentos lei-

tores que a criança tem a oportunidade de colocar em jogo durante as situações de leitura: “Ela aprende a apreciar uma história; dar e ouvir opiniões a respeito do que foi lido; expor argumentos que mostrem sua opinião; reconhecer relações entre os fatos ocorridos na narrativa”. Segundo ela, os pequenos também aprendem a voltar ao texto para apreciar uma passagem específica ou tirar uma dúvida, além de estabelecer relações entre o texto escrito e as imagens, criando assim um repertório de autores e ilustradores preferidos.

“Queremos que a criança consiga apreciar a linguagem presente no livro. Que ela saiba observar a diferença de tamanho entre as letras, que às vezes usamos letras grandes para expressar susto, por exemplo. Pensar no título e tentar adivinhar do que pode se tratar, voltar para uma página para reler algo que chamou a sua atenção”, complementa Sandra Medrano.

O reconhecimento dessa linguagem vai construindo para a criança um lugar de “filiação” no mundo. Fazer a leitura de um livro de maneira complexa, conhecer e refletir sobre o trabalho dos autores do texto e da ilustração vai ajudá-la a se tornar um leitor autônomo, capaz de escolher um livro e se apropriar da sua literatura para buscar o que quer que seja.





Derrubando mitos

Na prática, o Pequenos Leitores atua durante dois anos nas escolas. Professores e equipe passam 636 horas falando de leitura ou lendo e refletindo sobre livros, junto aos formadores do CE CEDAC. É um período em que muitas ideias sobre leitura para crianças são confrontadas.

As principais crenças costumam ser: as crianças não precisam ter acesso a narrativas complexas, pois não são capazes de entendê-las; seria melhor, para prender sua atenção, contar a história

com outras palavras em vez de usar as do autor; sempre se deve realizar uma atividade após a leitura, como teatro e desenho, para que ela seja efetiva.

“Durante a formação, eu e várias professoras nos emocionamos por, após tanto tempo, alguém voltar a ler pra gente”, lembra Carla Patrícia Alves, coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Ferraz de Vasconcelos, para quem o Pequenos Leitores é impactante por incluir na formação todos os educadores envolvidos numa rede de ensino.

Crianças do projeto Pequenos Leitores





Carla diz que, antes do projeto, ela e as colegas costumavam ler os livros de maneira resumida aos alunos, geralmente vestindo um adereço (um chapéu ou outro objeto) para chamar a atenção — e, às vezes, se empolgavam tanto na atuação que deixavam o livro de escanteio. Isso não é recomendável, porque é importante que a criança saiba que naquele livro sempre vai encontrar o mesmo conto, é a chamada permanência da linguagem escrita.

Também é recomendável que os professores tentem alternar o local onde contam as histórias, para criar experiências diferentes. “É legal pedir para as crianças fazerem placas indicando onde ficam os livros, pensando que o espaço físico também revela muito sobre a prática que se desenvolve ali”, explica Renata Caiuby, formadora do Pequenos Leitores.

“Teve um livro que causou polêmica porque falava do roubo de um chapéu. Uma professora falou ‘não vou usar essa palavra, roubar, é muito feia’”, lembra Márcia Barros, que ensina na Adelino Gomes Marques. Mas a palavra que deu o que pensar voltou a ser usada depois da chegada do Pequenos Leitores. O projeto defende que temas delicados, como morte e separação, não devem ser evitados, porque, afinal, o foco é a narrativa, e não a moral da história.

Carla conta que praticava muito o jogo de perguntas e respostas depois das rodas de leitura. Quando lia o conto da Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, checava com os alunos: “Quem foi que matou o lobo mesmo, pessoal?”. “Aprendi que tudo bem, a criança pode só apreciar a leitura, não precisa fazer nada além disso. É como ir a um museu e apreciar uma obra. Livro não é uma disciplina”, destaca.

Bate-papo, sim!

No Pequenos Leitores, a roda de leitura seguida de conversa com as crianças é valorizada como uma atividade rica em si mesma. Ou seja, para envolver os pequenos e estimular discussões interessantes, a mediação não precisa de atividades complementares além de leitura e de um bom bate-papo. “O que nós adultos fazemos após terminar de ler um livro, afinal? A gente não faz teatro, não liga para uma amiga e fala ‘vamos fazer uma lista dos personagens’”, pondera a psicóloga e mestrande em Educação Josca Ailine Baroukh. “A leitura literária não se presta a isso, não nessa fase. A gente não precisa fazer checagens, precisa que eles se apaixonem.”

Josca e Ana Carolina Carvalho acabam de lançar o livro *Ler antes de saber ler*, em que derrubam “oito mitos escolares sobre a leitura literária”. Além de “Conversar é pouco: sempre é preciso fazer uma atividade depois de ler”, há os mitos “Para as crianças pequenas, é melhor contar do que ler histórias” e “É preciso poupar as crianças dos horrores do mundo”.

“Na conversa após a leitura, as crianças colocam em jogo muitas habilidades: perceber o efeito da leitura, o que sen-

tiram, pensaram, associaram; elaborar um discurso para compartilhar essas ideias; ouvir e entender o que os outros têm a dizer; formar uma opinião; fazer uma parada para olhar a beleza do texto e conversar sobre o modo como o autor nos apresenta aquilo que deseja contar”, escreveram as autoras.

A professora Ana Isabel de Oliveira observa isso no dia a dia. Conta que o livro *A caixa de Jéssica*, de Peter Carnavas, despertou a curiosidade dos alunos já na capa. Eles ficaram tentando adivinhar o que havia dentro da tal caixa de Jéssica — que ela usa para tentar conquistar os amigos da escola nova.

O livro gerou uma discussão sobre o que cada um colocaria na caixa. Gabriela respondeu “chocolates”, e Gustavo disse “a minha mãe”, entre outras reações que surpreenderam a professora da escola Adelino Gomes Marques.

Quase sempre aparecem nas histórias elementos que se conectam com dilemas da criança e a sua rotina: a mudança de um amigo para outra cidade, a dificuldade de obedecer aos pais e tomar banho, a chegada do irmãozinho. “Muitas vezes, através das histórias, a criança consegue fazer um exercício e elaborar questões que antes não conseguia colo-

car para fora”, diz a psicóloga e pedagoga Elizabeth Sanada, professora do Instituto Singularidades. “É muito comum a gente ver que está havendo um trabalho mental quando elas começam a encenar, nas brincadeiras, as histórias que escutam.”

Por isso, não se deve “forçar a barra” para trabalhar com as crianças o que foi despertado durante a leitura; essas reações podem vir à tona ou não: “Temos que considerar que muito do que os alunos pensam ou sentem pode nos escapar. Não porque fomos displicentes ou maus professores, mas porque essa é uma condição da literatura. Os silêncios do texto, sua força, a maneira como é construído são alguns dos fatores que determinam aproximações subjetivas, e, se a escola pretende formar leitores, terá de lidar com este fato inexorável: não vai ter acesso a tudo o que o texto provoca em seus leitores”, do livro *Ler antes de saber ler*.





Ler com e não para as crianças

Temas considerados delicados não podem ficar de fora do repertório de leitura das crianças. Mas, então, como ler sobre a morte? Uma sugestão é, durante a leitura, experimentar escutar as percepções delas em vez de contar o que está lendo.

por Cristiane Tavares

Por que será que é tão difícil ler para as crianças livros que tratam de temas como morte, separação, tristeza, saudade? Uma provável resposta, entre tantas possíveis, aponta para a dificuldade que muitos de nós, adultos, sentimos ao lidar com esses assuntos e principalmente com os sentimentos que provocam.

Além disso, uma certa concepção de infância também pode justificar a ausência desses livros em muitos espaços de interlocução, pois ainda há uma crença de que as crianças devem ser preservadas de temas complexos, uma vez que ainda não têm maturidade para compreendê-los. Mas... E para senti-los? Ainda que não compreendam ra-

cionalmente mistérios e situações inerentes à condição humana, não restam dúvidas de que as crianças sentem tristeza, saudade, medo e raiva, não é mesmo?

Se pararmos para analisar com cuidado essas duas justificativas sobre a ausência de livros que abordam esses temas, veremos

**Ler com significa
abrir-se para as surpresas
que a leitura pode oferecer
quando compartilhada
com outras pessoas; abrir-
-se para a escuta atenta
das percepções, impressões
e sentimentos**

que há algo em comum entre elas: a ideia de que o adulto precisa estar sempre “pronto” ou “preparado” para dar respostas às angústias das crianças, ou que deve estar vigilante para “evitar” que as sintam. Esta é a primeira barreira que precisa ser rompida quando se pretende ampliar as possibilidades de diálogo que um bom livro pode propiciar: ler com as crianças e não apenas para elas.

Ler com significa abrir-se para as surpresas que a leitura pode oferecer quando compartilhada com outras pessoas; abrir-se para a escuta atenta das percepções, impressões e sentimentos que determinado livro desperta em nós e no outro; abrir-se para o desconhecido e para o inexplicável. Permitir-se, inclusive, o silêncio como resposta a uma leitura mais incômoda ou profunda.

A morte, por exemplo, costuma ser um assunto difícil de conversar, entender, explicar. No entanto, conhecer como diferentes culturas lidam com esse assunto pode ajudar a ampliar o olhar para a convivência com a morte, como é o caso da cultura mexicana.



Você sabia que uma das maiores festas populares do México é justamente o Dia de Finados? Bandeirolas coloridas decoram as ruas, as crianças comem doces em forma de caveira, música e cantoria acompanham os festejos. Saber como diferentes culturas interpretam e celebram a morte pode ser um caminho acessível para tocar no assunto com as crianças.

O livro *Só um minutinho*, traduzido por Ana Maria Machado e publicado pela FTD Educação, foi escrito e ilustrado por Yuyi Morales, uma artista mexicana que traz alguns elementos de sua cultura ao apresentar a morte como uma das personagens principais da narrativa. Um conto de esperteza no qual o humor e a tradição popular dão à morte outra cara, muito diferente da visão sombria e macabra a que costuma estar associada.

O livro foi vencedor do Pura Belpré Award de melhor ilustração de livro infantil em 2004. As ilustrações retratam diversos aspectos da cultura mexicana – das pimentas penduradas na cozinha às *piñatas* recheadas de doces e brindes.

É importante notar que muitos artistas, como autores e ilustradores, oferecem leituras pouco convencionais desses temas que, em princípio, são considerados tabus por alguns adultos. No universo da criação, no reino ficcional, a explicação dá lugar à sugestão e isso faz toda a diferença no tratamento de conteúdos como esses. Não estamos diante de explicações científicas ou históricas, mas artísticas, poéticas, que se aproximam do imaginário das crianças e ampliam suas possibilidades perceptivas para além da compreensão lógica.





Como dizia o crítico literário Antonio Candido, há “os grandes lugares-comuns sem os quais a arte não sobrevive: dor, amor, ódio, morte, júbilo”.

Como dizia o crítico literário Antonio Candido, há “os grandes lugares-comuns sem os quais a arte não sobrevive: dor, amor, ódio, morte, júbilo”.

Prova disso é a quantidade enorme de obras literárias nas quais essas temáticas se sobressaem. Exemplos podem ser encontrados no livro *É de morte!*, de Flavia Savary, publicado pela FTD Educação. Os contos e crônicas abordam a morte de modo

bastante diverso e, abrindo cada um dos textos, há uma citação extraída de obras literárias, em sua maioria consideradas clássicas, que trata do tema.

De Horácio e Homero a Shakespeare, as epígrafes exemplificam claramente a presença da morte, vista sob diferentes ângulos por filósofos,

poetas e outros artistas. Mais um livro para ser lido com (e não apenas para) crianças e adolescentes, abrindo possibilidades múltiplas de conversa não exatamente sobre a morte, mas, como alerta a autora já nas páginas iniciais, “sobre a vida e o que fazer com ela antes do ponto final”.

Já no livro *Esperando vovó*, de Séverine Vidal, com ilustrações de Cécile Vangout, publicado pela FTD Educação, o que vemos é uma criança muito pequena lidando com a morte de sua avó e passando por diferentes momentos ao longo da narrativa: a incompreensão e a desconfiança diante das explicações esquisitas dadas pelos adultos, o desejo de que um pensamento mágico pudesse trazer a avó de volta à vida e, finalmente, a experiência da aceitação e da saudade como forma de presença. Pautado na possível identificação entre leitor e personagem, o livro aborda com delicadeza e franqueza um assunto que, afinal, faz parte da vida de todos nós.

E, se assuntos complexos fazem parte da vida, integram também o literário, esse espaço de fruição artística pela palavra e, no caso dos livros infantis, também pela imagem. Espaço que fica mais habitável quando compartilhado com o outro, mesmo que tantas vezes nos leve apenas a estar acompanhados no silêncio, construindo cumplicidade.



Máquinas de pensar

As escritoras Maria Valéria Rezende e Luana Chnaiderman relembram a infância leitora e celebram a possibilidade de viajar no tempo na companhia dos livros

por Katia Calsavara

O livro é uma das máquinas mais inteligentes que já inventaram: a bateria não acaba, ele não quebra e ainda faz a gente viajar no tempo. Com ele, é possível se colocar no lugar do outro, conhecer países e línguas diferentes, aprender lições e até fazer amigos imaginários.

Vamos conhecer aqui duas escritoras que, desde bem pequenas, viveram cercadas por estantes. Maria Valéria Rezende mora em João Pessoa, na Paraíba, e Luana Chnaiderman de Almeida, na cidade de São Paulo. As duas tiveram a vida transformada pelos livros e até hoje não vivem sem eles.

Nas próximas linhas, elas contam um pouco de como essas “máquinas de pensar” estiveram sempre presentes no dia a dia delas.



Uma vida entre livros

Maria Valéria Rezende é uma escritora que tem 75 anos. Mesmo com dificuldades para enxergar, ela consegue ler e escrever em um computador com tela e letras bem grandes. Nascida em Santos, em uma família de escritores, é sobrinha-bisneta do poeta Vicente de Carvalho (1866-1924) e conviveu com muitos autores desde criança. “Escrever estava no meu destino. Tudo o que hoje as pessoas procuram nos celulares e na TV, eu achava nos livros”, diz.

Val, como ficou conhecida no mundo das letras, também é freira e passou a vida toda viajando pra lá e pra cá ensinando pessoas a ler e a escrever. Lançou seu primeiro romance, *Vasto mundo*, em 2001, aos 58 anos, e depois disso não parou mais. Publicou mais de dez livros para crianças, entre eles *No risco do caracol* (2008) e *Ouro dentro da cabeça* (2012). Ela também é tradutora, e um de seus últimos trabalhos na área foi um livro infantil da FTD Educação: *Última parada, Rua do Mercado*, do autor norte-americano Matt de la Peña. Val já ganhou diversos prêmios literários importantes, como o Jabuti e o São Paulo de Literatura.

Você vira outra pessoa,

por Maria Valéria Rezende

Eu tive a grande sorte de ter nascido dez anos antes da televisão. Então, o que fazíamos depois do jantar? Adultos e crianças se sentavam na varanda ou na calçada com os vizinhos para ler e contar histórias. Eu adorava aquilo.

Tanto na família do meu pai quanto na da minha mãe tinha gente que gostava de escrever. Livros nós tínhamos aos montes! Antes mesmo de ir para a escola, só aos 6 anos, eu achava que escrever um deles era uma coisa natural, que acontecia na vida de todo mundo, assim como caem os dentes. Eu fazia umas cinco ou seis cópias dos meus livrinhos, pedia para a minha mãe passar uma costura e distribuía para a família. Era normal perguntarem: “Já leu o último livro do tio José? E o da Maria Valéria?”.

Quando você acostuma a ler desde a infância, não para mais, porque é a melhor maneira de conhecer o mundo. Você também consegue ser outra pessoa. Lembro-me de um livro muito marcante, *O chamado selvagem*, de Jack London, sobre um cachorro que vai puxar trenó na neve. Durante uns quatro dias, eu me senti como se fosse ele. Foi aí que descobri o grande poder da literatura.

Meus melhores amigos

Até hoje a professora e escritora Luana Chnaiderman de Almeida guarda seus livros prediletos da infância em uma estante especial. Ela conta que eles são seus melhores amigos, os que mais sabem sobre sua vida. “Com eles aprendi muito, percorri países distantes, tempos antigos, lugares misteriosos”, diz.

Nascida em 1975 na capital paulista, onde vive, Luana é formada em Letras e dá aulas de Língua Portuguesa no Colégio Equipe. Escreveu os livros *Minhocas* (2014), sobre um menino de 10 anos e as “minhoquinhas” que alimenta em sua cabeça, e *Fuga*, com as aventuras da adolescente Marina, lançado em 2017 pela FTD Educação. Luana é neta de Boris Schnaiderman (1917-2016), um grande tradutor e escritor que dedicou a vida toda a pesquisar a literatura russa. Assim como o avô, a autora viveu sempre cercada por muitas estantes especiais.

Os livros da minha casa, por Luana Chnaiderman

Na minha casa eu tenho três estantes. Uma delas, a maior, é feita dos livros de que não quero me separar. São os meus livros amados que preciso ter por perto sempre, mesmo em uma noite de insônia ou de gripe.

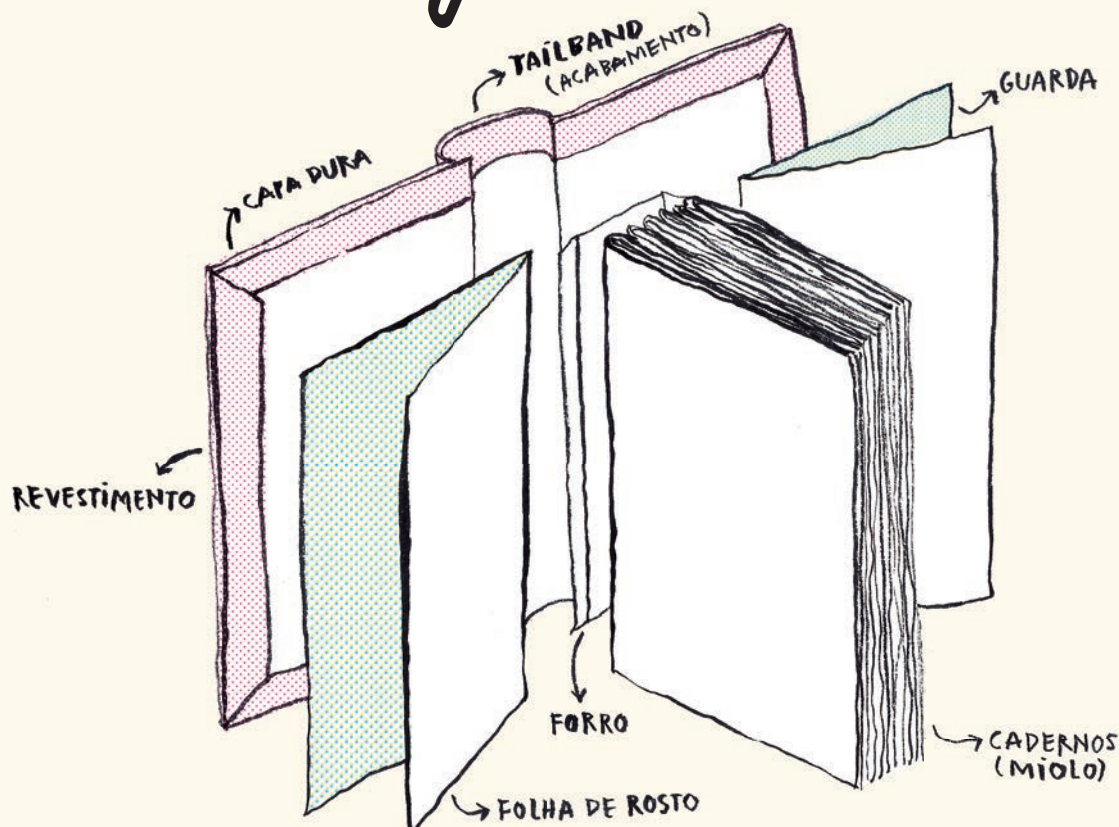
A outra estante, bem menor, é feita dos livros de teoria, e são poucos os que ainda guardo. Uma vez li um livro que me ensinou a manter em casa apenas o que nos traz alegria. Quando me mudei para a minha casa atual, peguei cada um dos montes de livros que eu tinha, abracei e ouvi o que eles me diziam.

Ao lado dessa estante, fica a mais preciosa. Com os livros mais lidos. Dá para ver as marcas dos meus dedos em cada um deles. Um tem gotas de um bolo de chocolate que fiz; outro guarda as mordidas da Rosquinha, minha cachorra que adorava morder livros. Ali estão os meus melhores amigos: são meus livros de infância. Basta eu me aproximar deles para lembrar do meu avô me contando histórias, das vozes que meu pai fazia, do embalo das canções que minha mãe cantava. Essa é a minha estante mais querida. Às vezes, quando vou dormir, empresto um livro dali e lembro do que é importante na vida.



Luana, aos 9 anos, com o pai

impressão



Você já pensou em como se faz um livro? Esse amigo que nos acompanha na escola, na cama, nas férias e por toda a vida percorre um longo caminho antes de chegar a nossas mãos

Tudo começa com uma ideia: o autor escreve um texto, o ilustrador cria as imagens e o editor junta as duas coisas e transforma em realidade. Para deixar tudo bonito e certinho, o designer imagina uma cara para o livro, faz a capa e distribui os textos e as imagens pelas páginas, e o revisor olha tudo com lupa para não deixar passar aqueles erros minúsculos. Mas, até aqui, o livro é apenas um arquivo criado no computador. Para virar aquele objeto que a gente conhece, esse arquivo digital deve seguir para a gráfica. É ali que

a mágica realmente acontece. Folhas em branco ganham manchas de tinta (bem ordenadas) que formam palavras e imagens. Essa é uma das etapas mais importantes da produção de um livro e é sobre ela que vamos falar. Curioso? Então vamos conhecer mais sobre a impressão de livros.

Parque gráfico

Toda gráfica tem algumas salas de escritório e um parque. Não como aqueles cheios de árvores, mas de equipamentos de impressão. São galpões enormes, re-

pletos de máquinas compridas por onde passam grandes folhas de papel que se transformam em páginas no final do processo de impressão. Essas máquinas fazem coisas incríveis: imprimem, dobram, colam, costuram... até deixar o livro pronto. Resumindo: é no parque gráfico que o livro nasce!

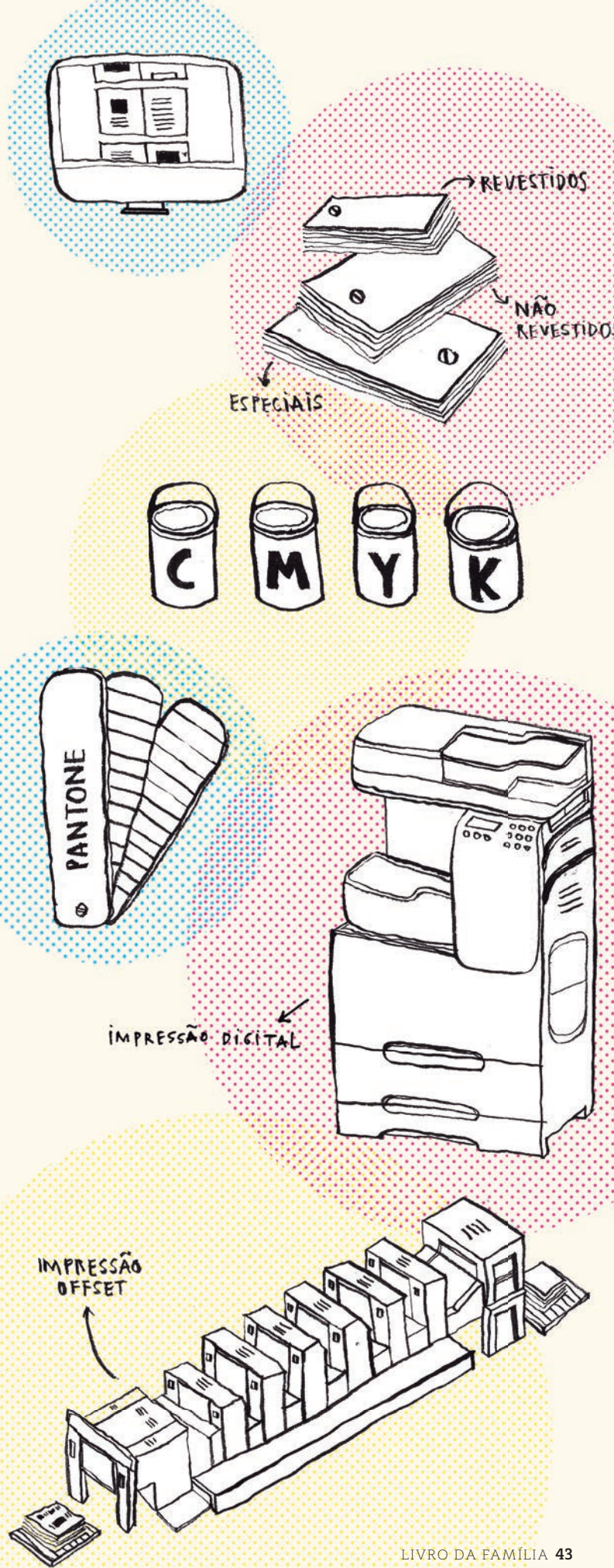
Cores e imagens

Na primeira etapa do processo de impressão, os técnicos conferem o arquivo digital do livro e fazem ajustes antes de dar entrada na máquina impressora. Para garantir um bom resultado, as imagens precisam estar com a qualidade máxima.

As tonalidades do arquivo recebem toda a atenção, pois, para imprimir colorido, as máquinas misturam apenas quatro cores de tinta. Esse é um processo conhecido como CMYK, uma sigla em inglês para as cores das tintas, que pronunciamos como “cemique”: C de *cyan* (azul-claro), M de *magenta* (vermelho-rosado), Y de *yellow* (amarelo) e K de *black* (preto). Dessas cores, surgem todas as outras: por causa dos pontinhos muito pequenos impressos lado a lado, os nossos olhos têm a sensação de que as tintas se mesclam, criando, assim, as cores que enxergamos no papel. Por exemplo, a mistura de 100% de amarelo com 60% de magenta dá um superlaranja.

Papel e páginas

O técnico prepara as páginas do livro, ainda no arquivo digital, para serem impressas em grandes folhas de papel. Isso quer dizer que em uma folha são distribuídas diversas páginas juntas, uma ao lado da outra. Por exemplo, em uma folha-padrão de 66 × 96 centímetros podem ser impressas 32 páginas de um livro com formato de 12 × 16,5 centímetros. Quanto maior for o formato de um livro, menos páginas cabem por folha e mais alto é o custo final da impressão.



Provas

Para ver se está tudo certo, são feitas algumas impressões simplificadas do produto final para testar algum aspecto do livro, como as cores. Pode ser do livro todo ou só da capa e de algumas páginas. Essas provas geradas com cuidado servirão de guia para a impressão dos livros completos. Agora está tudo pronto para o início da impressão.

Impressão

Para imprimir, precisamos basicamente de papel e tinta. Mas para produzir grandes quantidades de livros, em tiragens que passam de mil unidades, alguns métodos industriais ajudam bastante, como o *offset* e o digital. Esses dois sistemas usam grandes máquinas que recebem o papel em branco de um lado e devolvem o papel impresso do outro.

No sistema *offset*, as páginas do livro são gravadas sobre chapas metálicas, que funcionam como matrizes para transferir a tinta para o papel. As cores são impressas separadamente, ou seja, a mesma folha de papel passa quatro vezes na máquina, uma vez para cada cor do CMYK. É um método que produz impressões de excelente qualidade, muito rápido e econômico para grandes tiragens.

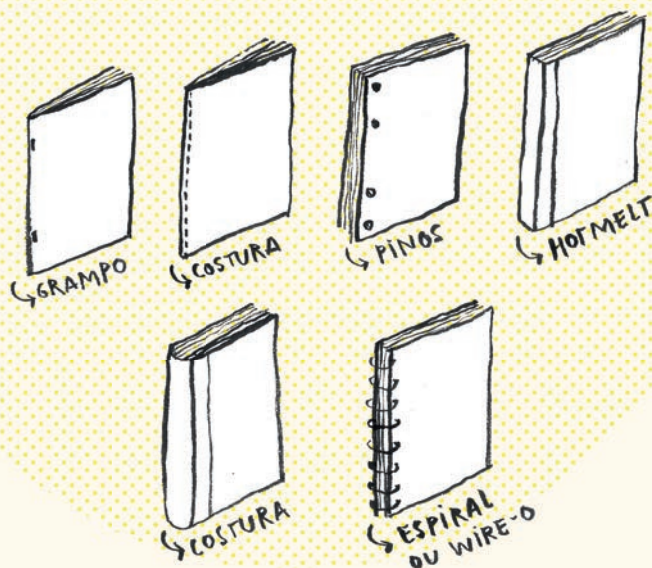
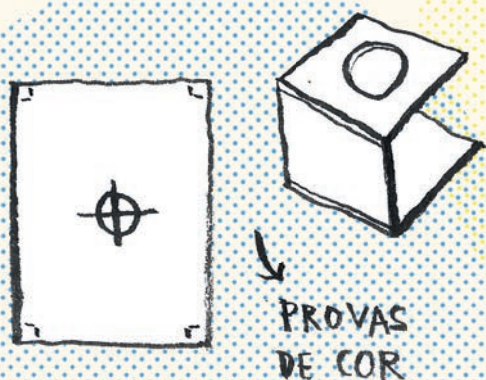
Já a impressão digital é feita de maneira direta, sem o uso de uma matriz. Esse modo de impressão, que começou a se popularizar no início da década de 1990, é ideal para livros com pequenas e médias tiragens, ou seja, com pouca quantidade de cópias.

Acabamento

Depois de impressas, as folhas de papel seguem para o acabamento, em que são cortadas e dobradas. O livro começa então a tomar forma. As páginas são colocadas em ordem para formar o miolo, que é a parte de dentro do livro. Para que as folhas não saiam voando por aí, elas podem ser grampeadas, costuradas ou coladas.

O miolo ganha uma capa bem bonita e resistente que, muitas vezes, recebe uma camada de material plástico fino e transparente, a laminação, para proteger e dar brilho. Essa é a parte de fora, que traz informações importantes, como o título do livro e o nome do autor, além de uma imagem.

Com capa e miolo prontos, já temos um livro! Ele agora é embalado para sair do parque gráfico rumo ao estoque da editora e, de lá, para as livrarias. Gostou de saber como os livros são impressos?



impressão sem impressora

Chegou a hora de a sua casa virar uma gráfica (quase) de verdade. Existem muitas técnicas de impressão sem máquinas e com ferramentas que podemos confeccionar artesanalmente. Vamos tentar?

MATERIAL NECESSÁRIO

- Uma bandeja de isopor (embalagem de alimento)
- Lápis grafite com a ponta não muito fina
- Rolinho de espuma para pintura
- Tinta guache
- Colher de sopa
- Folhas de papel recortadas do tamanho da parte interna da bandeja

COMO FAZER

1. Com o lápis, desenhe na parte interna da bandeja de isopor.



Dica: além das figuras, desenhe palavras e depois confira como elas saem invertidas na impressão. Por isso, imagine essa inversão e já desenhe do lado certo antes.

2. Molhe o rolinho de espuma na tinta guache e passe de maneira regular sobre o desenho.



Dica: se tiver várias bandejas, faça outros desenhos e use cores diferentes em cada uma.

3. Cubra o desenho com uma folha de papel e pressione-a usando as mãos ou a colher.

A tinta que cobre o desenho será transferida para o papel.



Dica: para saber se a tinta passou direitinho para o papel, observe se ele está um pouco úmido.

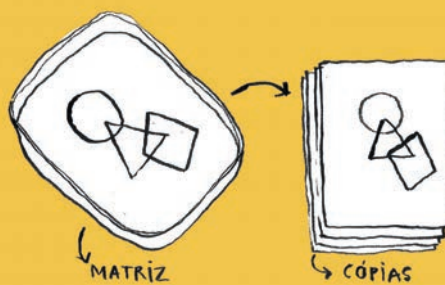
4. Puxe um cantinho do papel e levante a folha impressa.



Dica: para secar o papel, monte um varal e pendure as folhas de um jeito bem bonito e colorido.

5. Repita o processo quantas vezes quiser.

A bandeja desenhada é a sua matriz de impressão.



Dica: reponha a tinta no desenho a cada nova impressão e, quando terminar de imprimir, é só lavar a bandeja com água e guardá-la para as próximas reproduções.

Primeiras histórias

Selecionamos o depoimento de dois autores infantojuvenis, nos quais eles nos contam sobre sensações e sentimentos que envolveram uma leitura inesquecível realizada na infância. Ao ler os depoimentos, vale sentir saudades e divagar: como nossas primeiras histórias ajudaram a constituir quem somos hoje?



Eu era um patinho feio

“Fo-en! Fo-en!”

Foen, aqui na Bahia, é sinônimo de fanho, aquela pessoa que tem voz nasalada.

“Fo-en! Fo-en!” — era assim que as outras crianças me perturbavam.

Eu nasci com algumas deformações no lado direito do rosto. Não gosto da palavra *deformação*, porque ela está ligada a ideias ruins, e aí eu fico me sentindo um ogro. Escrevi-a porque é mais entendível do que o termo que os médicos usam para nomear um problema como o meu: má-formação congênita.

Tinha uma espécie de verruga logo abaixo do olho; não tinha o osso que dá forma à maçã do rosto; tinha a boca torta do lado direito; tenho até hoje uma saliência do lado do nariz por conta de um canal lacrimal que, digamos, estufou; e também sou fanho. Contudo, dessas “má-formações congênicas” as outras crianças não faziam troça, mas perguntas, do tipo: “o que aconteceu com você pra ser *assim*?”. “É... é... de nascença”, dizia eu cabisbaixo, numa vozinha triste, cheio de pena de mim mesmo por me achar um anormal, alguém diferente de um modo ruim.

Zombaria era me chamar de “fo-en! fo-en!”. Eu abria o berreiro e ia correndo para o colo da minha avó, que me consolava dizendo que eu não tinha que me importar com o que diziam sobre minha aparência física, e sim sobre o meu comportamento, as minhas ideias. “Por isso, estude bastante, leia bastante, para ser bem inteligente. Pois pessoas inteligentes nunca são motivo de chacota”, ela me dizia.

Quando eu ganhei minha primeira coleção de livros, a história que mais me cativou foi a do patinho feio. Lia e relia, e relia, e relia; sempre sonhando com

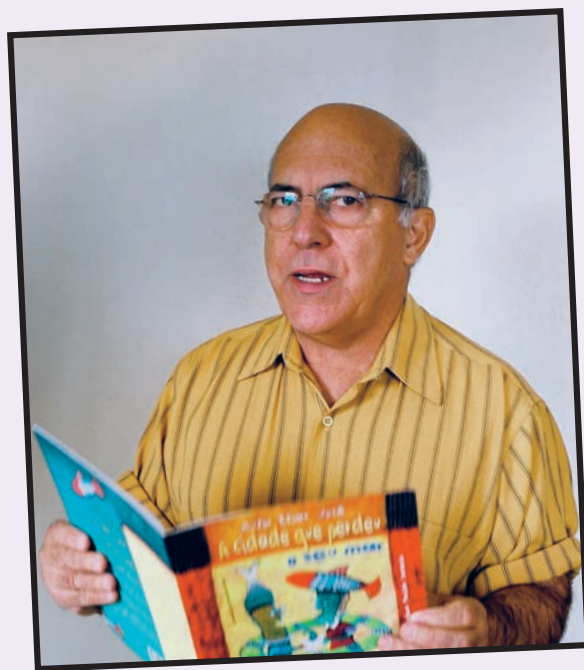
o dia em que eu cresceria e, talvez, me tornasse um belo cisne, fazendo desaparecer como que por mágica todas as minhas “más-formações congênicas”. No fundo, não acreditava na minha avó, dizendo que eu devia não me importar com a aparência. Porque — puxa! — eu me sentia incomodado com as perguntas e falações, eu queria que elas parassem.

E pararam. Em parte, porque as outras crianças, como todas as pessoas, aprenderam com o tempo que há certas coisas que têm de ser ditas com bastante cuidado, para não magoar ninguém; em parte, porque fiz algumas cirurgias plásticas. Mas, sobretudo, porque minha avó estava certa: se eu não tivesse lido e estudado bastante, de nada adiantariam as cirurgias. Eu ia ter uma boca ajeitada, porém só ia sair bobagem dela, e eu continuaria sofrendo de boche. Seria um cisne desafinado.

Breno Fernandes é escritor e nasceu em Salvador em 1986. Desde pequeno, é fascinado por livros. Seu primeiro livro, *O mistério da casa da colina*, foi escrito aos 14 anos e publicado pela FTD Educação na coleção Jovens Escritores. Este depoimento foi dado ao editor Luís Camargo em março de 2008.

A vendedora de fósforos

Eu tinha mais ou menos 10 anos. Adorava ler. A minha mãe incentivava todos os filhos a lerem para se divertir e aprender. Certa vez, vendo que a minha irmã mais velha e eu já líamos com facilidade, mamãe comprou um livro bonito com os contos de fadas de Andersen. Diferentemente dos livros que eu tinha lido, aquele era grande e com belas ilustrações coloridas. Com a ajuda de minha irmã mais velha, de minha mãe e do dicionário, eu li todos os contos. Histórias compridas e cheias de emoção. Histórias encantadas, que ainda moram em



minha memória. Entre elas, a que mais amei, embora tenha me feito sofrer muito, foi *A vendedora de fósforos*.

A história já me causou estranha tristeza nas primeiras frases. A personagem era uma menina, acho que da minha idade. Para ajudar a família muito pobre, ela vendia fósforos. Era uma noite especial. Um ano se acabava e outro começava. Tempo para comemorar e fazer pedidos esperançosos. A menina não comemorava nada. Enfrentava vários inimigos: o inverno rigoroso, a neve, as ruas escuras da cidade grande, a perda de um sapato na neve, o roubo do outro por um menino mau e a falta de interessados em comprar os fósforos. Se voltasse para casa sem dinheiro, o pai a castigaria.

Nascido e criado em um país tropical, com um sol maravilhoso, imaginariamente, eu tremia, me encolhia e ficava cinzento ao ler. Acostumado a viver livre e alegremente em um lugarejo pequeno e em fazenda, os perigos que a menina enfrentava me doíam. Leitor apaixonado de Lobato, só conhecia histórias encantadas de adultos, crianças, bichos e natureza convivendo bem. O céu era sempre

limpo. O Sol, a Lua e as estrelas sempre brilhavam. Ninguém dependia de luz elétrica ou de fósforo para aquecer ou iluminar.

Aquela leitura me deixava sufocado. Das casas aquecidas, vinham luzes, cheiros e ruídos de festas e comemorações. A menina estava com fome e sozinha na rua gelada e escura.

A menina morava em minha imaginação. Eu podia vê-la e sofria com o sofrimento dela. Era uma surpresa para mim. Nunca tive, na infância, tantas dificuldades. Eu queria fazer parte da história, para recolher a menina e oferecer-lhe comida, agasalho e amizade.

E tomei intimidade com a menina, pois ela enfrentava tudo e seguia em frente. Mesmo fraca e cansada, achava tempo de fantasiar coisas boas e bonitas. Comecei a entender que nem todos os personagens dos livros eram heróis invencíveis, alegres e vitoriosos. Aquela menina era uma perdedora, mas como tinha garra. Como, na dor, ela ainda achava um jeito de sonhar?

Aquelas tentativas frustradas da menina para enganar a noite, o frio, a fome e a solidão me machucavam. A sua capacidade de fantasiar me encantava. Ela teria que achar uma saída para a sua dor. Eu torcia por ela, me tornava seu amigo. Mas os seus problemas só aumentavam. Os fósforos, riscados um a um para aquecê-la, chegavam ao fim.

A menina não era mesmo de desistir da luta. Reagiu, sem deixar os sonhos se apagarem. A fantasia aumentava, motivada pela data e, também, pelas lembranças da avó falecida. A presença da morte surgiu e me provocou arrepios. Era a primeira vez que eu lia aquela palavra — morte — em uma história. Conforme a avó surgia na história, a morte não me pareceu uma coisa tão triste. A avó era uma velhinha, já tinha vivido

muito, e a menina... Mas a avó aparecia iluminada, alta e bela... Eu estava confuso, triste e comecei a chorar. Demorei a tomar coragem para ler a continuação da história, quando a menina pediu à avó que a levasse com ela.

Parei de novo a leitura, assustado com o que viria. Limpei as lágrimas. Fechei os olhos e pensei. Depois, dei umas voltas pela casa, comi alguma coisa. Comecei a bater bola, mas o livro me chamava. Tomei coragem e recomecei a leitura, esperando um desfecho bom para a menina.

Nunca me comovi tanto como ao ver a menina sendo levada pela avó para o céu. Ela estava alegre e comemorava.

As pessoas passaram na manhã do novo ano. Viam o corpinho da menina estendido e se comoviam. Ninguém imaginava como ela fantasiou a vida e a morte, para ganhar forças.

Pela vida afora, continuei relendo e me comovendo com a história de *A vendedora de fósforos*. Afinal, foi a primeira descoberta de que a dor, a luta, a fome, a morte e todas as coisas tristes também aparecem nos livros. Sofremos com as histórias e os seus personagens, mas aprendemos muito, afinal, a vida não é feita só de festas e fantasias, infelizmente.

A vendedora de fósforos iluminará sempre a minha vida. Os seus mágicos fósforos e a sua capacidade de fantasiar, mesmo diante da dor, continuarão a me emocionar e a me ensinar cada vez que eu reler esse belo conto de fadas. 📖

Elias José (1936-2008) foi um contista, romancista, poeta, autor de livros didáticos e professor universitário. Este depoimento foi dado ao editor Luís Camargo em março de 2008.

LANÇAMENTOS



O GATO DE BOTAS

Ana Maria Machado (ilustrações Arthur Vergani) – a partir da Educação Infantil

(Coleção Lê pra mim) – cód. 13200629

A história do Gato de Botas recebeu sua primeira versão escrita no livro *Contos da mamãe gansa*, de Charles Perrault, em 1697. Neste relato de Ana Maria Machado, a autora valoriza o modo brasileiro de falar e o humor presente nas peripécias do gato.

ÚLTIMA PARADA, RUA DO MERCADO

Matt de la Peña (tradução Maria Valéria Rezende) – 3º ano (série Arco-íris) – cód. 13300153

O menino Cadu bem que preferia ir de carro até o restaurante comunitário com sua avó, mas ela o ensina a valorizar as situações simples e corriqueiras durante uma viagem de ônibus. Esta história é um convite para olharmos ao redor com disposição para perceber a poesia nos detalhes.



OS FANZINEIROS

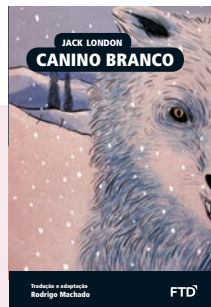
Breno Fernandes – (série Espelhos) – 8º ano – cód. 13489998

Mino e Alana decidem criar um fanzine para compartilhar seus interesses com a pequena cidade de Pouso Forçado. Mas a divulgação de uma lista dos meninos mais bonitos da escola, na qual Mino fica em último lugar, transforma a vida dele num pesadelo.

O MENINO DE CALÇA CURTA

Flavio de Souza (ilustrações Rafael Sica) – 4º ano (coleção Arco-íris) – cód. 13301552

Quando menino, o narrador da história passa dias na casa dos avós. Um dia, ele encontra um álbum de fotografias bem curiosas. Ao investigar, descobre um assunto mal resolvido entre o bisavô e o avô, envolvendo o sumiço de um autorama. Uma caça ao tesouro em busca do objeto perdido vai desfazer este nó emocional familiar.



CANINO BRANCO

Jack London (adaptação de Rodrigo Machado) – 6º ano (coleção Almanaque dos Clássicos da Literatura Universal) – cód. 13405378

No final do século XIX, o escritor Jack London viaja para o noroeste do Canadá e empreende uma das mais importantes aventuras de sua vida, a que alimentaria a imaginação dele para escrever este romance sobre a vida de um lobo selvagem que será domesticado.

PLEBISCITO E OUTROS CONTOS

Artur Azevedo (seleção e notas Hélio Guimarães) – 9º ano (Almanaque dos Clássicos da Literatura Brasileira) – cód. 13500831

Nos 38 contos selecionados por Hélio Guimarães, professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, Artur Azevedo (1855-1908) retrata, com ironia, os costumes, as hipocrisias e os problemas da sociedade do Rio de Janeiro nos primeiros anos da República.



MINHA FAMÍLIA ENAUENÊ

Rita Carelli (ilustrações Anabella López) – 5º ano (série Aquarela) – cód. 13300326

Esta história foi inspirada em um episódio de infância da autora, que passou parte dela na aldeia indígena dos Enauenê-Nauê, no Mato Grosso. De todas as descobertas que ela fez entre os índios, uma em especial chama a atenção da menina: as brincadeiras e responsabilidades diferentes para homens e mulheres.

